

n'khany

Revista da Hidroelétrica de Cahora Bassa

Nº 2

Janeiro 2014

Dinamizando
o empresariado nacional

**HCB com
novos fornecedores
moçambicanos**

Na longa, ambiciosa e firme
caminhada rumo
à modernização de toda
a estrutura produtiva

**Tecnologias
mudam a "cara"
de Cahora bassa**

**A eterna beleza
do rio Zambeze**

HCB apoia projectos culturais
sustentáveis e de impacto nacional

HIDROELÉCTRICA DE
CAHORA BASSA





Conselho de Administração
Dr. Paulo Muxanga (Presidente)

Administradores executivos
Eng. Gildo Sibumbe, Dr. Max Tonela,
Eng. Domingos Torcida, Dr^a Isabel
Gumbe e Dr. Manuel Gameiro

Administradores não-executivos
Dr. Manuel Tomé, Dr. Inácio dos
Santos e Dr. João Conceição

Direcção editorial
Gabinete do Conselho de
Administração

Edição executiva deste número
Luís Canhamba

Redacção
Departamento de Imagem e
Comunicação

Fotografia
HCB, Lizete Manguenze, Victor
Marrão e Acamo Maquinasse

Colaboraram nesta edição
Jorge Rungo, Lizete Manguenze e
Bernardo Carlos

Design
Estúdio Rui Guimarães

Propriedade
HCB, SA

Tiragem
1500

DISP.REGº/GABINFO-DEC/2012

www.hcb.co.mz

Inovamos!

NOTA DO EDITOR

Inovamos!
Esta é apenas a 2ª edição da revista Nkhany e já inovamos. Inovamos porque pretendemos que os nossos leitores se sintam cada vez mais identificados com a revista, e tenham um enorme prazer na leitura da nossa Nkhany.
O foco principal desta edição é a modernização do empreendimento Cahora Bassa. A entrevista do eng. Moisés Machava, Director de Engenharia de Manutenção da HCB, que está nas páginas centrais, elucida sobre as mudanças que estão a acontecer na HCB. O Eng. Machava fortalece a idéia, em sua entrevista, que a Hidroeléctrica Cahora Bassa está a mudar. Está a modernizar-se! Está a inovar os seus processos de produção e distribuição de energia!
De igual modo, apresentamos uma visão generalizada dos trabalhos de expansão dos nossos eternos parceiros, mormente o Ministério da Energia e o Fundo Nacional de Energia (FUNAE). Os nossos parceiros trazem-nos uma idéia sobre a situação de expansão de energia às zonas rurais.
E a inovação? A inovação que a 2.ª edição apresenta prende-se com o facto de apresentarmos uma forte componente da cultura do Zambeze. Deixamos de falar apenas da HCB e viajamos ao longo do Zambeze para trazer ao público o *modus vivendi* da população, no que concerne à sua cultura, à gastronomia e às suas danças típicas. Trazemos também algumas histórias hilariantes, desde a história do Ndindó, um jovem

que dá “carolhos” aos crocodilos até ao mito de “Sandawana”, pseudo-animal representado por um mural, superiormente construído na Vila do Songo, por um dos maiores artistas plásticos de Moçambique, o Naguib. Como não podia deixar de ser, este número apresenta também alguns projectos de responsabilidade social empresarial. Na verdade, não apresentamos os projectos, como tem sido hábito. Neste aspecto também inovamos. Fomos falar com os beneficiários de alguns projectos que em viva voz falam dos impactos dos apoios que a HCB tem prestado às suas actividades. É nesta perspectiva que temos o Director Nacional de Desporto, Inácio Bernardo, que apresenta sua visão em relação ao papel da HCB e do futuro do desporto em Moçambique. Por seu turno, Nicolau Manjate, Presidente da Federação de Patinagem, destaca o papel da HCB no apoio à Selecção de Hóquei em Patins, que, desde 2007, é a melhor selecção de África..
A revista conta também com entrevistas a dois galardoados de um dos maiores prémios literários da Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP), nomeadamente o Prémio de Literatura José Craveirinha. Um galardão patrocinado exclusivamente pela HCB desde a sua criação.
Portanto, como pode compreender inovamos! Inovamos para que o leitor se sinta cada vez mais satisfeito ao ler a nossa Nkhany.

O Editor
Departamento de Imagem e Comunicação

Mensagem do PCA

DR. PAULO MUXANGA

Caros leitores,
a Hidroeléctrica de Cahora Bassa (HCB) partilha com entusiasmo os níveis positivos de performance na produção registados recentemente. No trimestre passado atingimos a fasquia de 3.853.130 MegaWatt/hora (MWh) de produção e transmissão de energia. Este nível de performance de produção representa o compromisso da HCB em satisfazer os compromissos comerciais assumidos com os clientes. Porém, e mais do que isso, representa o empenho da HCB no processo de desenvolvimento de Moçambique, através da disponibilização de quotas significativas de energia para o seu cliente nacional, a EDM, que tem estado a “electrificar” todo o Moçambique.
Queremos continuar a melhorar a nossa performance e, por esse facto, iniciámos um longo e ambicioso processo de modernização de toda a nossa estrutura produtiva, nomeadamente a barragem, a central, subestações de Songo e Matambo e as linhas de transporte e respectivas torres e isoladores. Com o processo de modernização de Cahora Bassa, pretendemos fazer com que o sistema de produção tenha uma maior integridade física e condições excelentes de produção e distribuição de energia de forma sustentável e com padrões internacionalmente aceites.

Continuamos a olhar para a Responsabilidade Social como um dos vectores fundamentais da nossa participação no desenvolvimento do país pelo que, depois da reversão da HCB para a gestão do Estado moçambicano, as nossas actividades neste domínio se converteram num elemento propulsor do desenvolvimento nacional, o que acresceu as nossas responsabilidades como gestores da empresa.
Neste quadro, e no presente ano, associámo-nos a vários projectos estruturantes e de impacto local e nacional, mormente o apoio às vítimas das cheias de Fevereiro, o apoio a crianças órfãs e vulneráveis, através da gala beneficente da TVM, o patrocínio à selecção feminina de basquete que logrou qualificar-se pela primeira vez ao Mundial, o envolvimento no projecto de abastecimento de água a Vila de Chitima e no projecto “Vila do Milénio”, entre outros. Os resultados positivos do nosso *core business* e o impacto das actividades de responsabilidade social servem de incentivo para a renovação do nosso compromisso em continuar a trabalhar para que nos afirmemos cada vez mais como o “Orgulho de Moçambique”.

Songo, Novembro de 2013





06

HCB regista novos fornecedores moçambicanos.

No dia 1 de Novembro próximo, a HCB, em parceria com o CPI e o CTA, promove na Cidade de Tete um workshop de divulgação do Portal de Fornecedores, com o objectivo de disseminar o conhecimento sobre este instrumento junto da comunidade empresarial local



18

Cahora Bassa: A maravilha do verde turquesa

Adelino Timóteo, conceituado escritor moçambicano retrata encantos da Albufeira de Cahora Bassa.



As outras riquezas do Zambeze

Veja alguns factos, histórias, mitos e memórias do grande Zambeze

índice

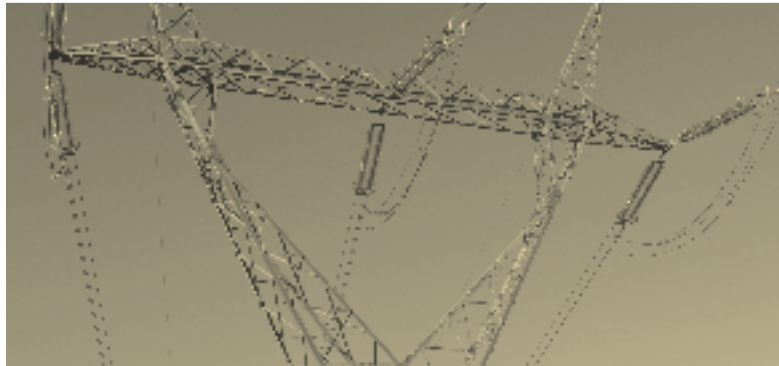
24

JOTC: HCB investe na modernização

A empresa enveredou por uma longa, ambiciosa e firme caminhada rumo à modernização de toda a sua estrutura produtiva.



08



Projecto “LIDAR”

Em busca de melhores performances das linhas de transmissão

10



Sistema de Gestão Integrada

A Hidroelétrica de Cahora Bassa está a introduzir o Sistema de Gestão Integrada (SGI) de qualidade, segurança e saúde ocupacional, por via da qual vai passar a utilizar modelos de gestão susceptíveis de reduzir riscos e de melhorar a eficácia e desempenho da empresa.

12

30

Calane da Silva e Lília Momplé os galardoados de “José Craveirinha”

Conheça os 2 escritores vencedores do Prémio Craveirinha, que distingue a carreira de autores

nacionais, cuja obra valorize e promova a cultura moçambicana dentro e fora do país



Ngoma Moçambique: a festa da música moçambicana

A Hidroelétrica de Cahora Bassa (HCB) apoia este concurso exactamente porque exalta a moçambicanidade.

40



Decorreu na Vila do Songo, entre os 16 a 24 de Novembro do corrente ano a IIª Feira do Livro, organizada pela Hidroeléctrica de Cahora Bassa (HCB) em parceria com Fundo Bibliográfico de Língua Portuguesa. A Feira teve como objectivo promover uma maior disponibilidade e acesso ao livro a Vila do Songo, e em particular aos alunos e professores dos diversos estabelecimentos de ensino e formação naquele ponto do país. Estiveram disponíveis a preços promocionais: Dicionários, Gramáticas, Literatura Infanto-Juvenil, Literatura técnico-profissional, Literatura Moçambicana e outras publicações.

Feira do Livro no Songo

HCB regista novos fornecedores moçambicanos

Pelo menos 30 novas empresas inscreveram-se no Portal de Fornecedores da Hidroeléctrica de Cahora Bassa (HCB) como potenciais fornecedores de bens e serviços à Empresa. A este número somam-se as 427 empresas já inscritas desde o lançamento do portal. Esta iniciativa enquadra-se no âmbito da implementação da política de compras da empresa, que reforça e garante a igualdade de oportunidade e de acesso a informação a todos os fornecedores da HCB. O referido portal é o espaço onde a HCB publica todas as suas necessidades de aquisição, permitindo que as pequenas, médias e grandes empresas moçambicanas participem, contribuindo assim para o desenvolvimento do tecido empresarial de Moçambique.

HCB pretende dinamizar empresariado de Tete



No dia 1 de Novembro, a HCB em parceria com o Centro de Promoção de Investimentos (CPI) e a Confederação das Associações Económicas de Moçambique (CTA), promoveu na Cidade de Tete um workshop de divulgação do Portal de Fornecedores, com o objectivo de dinamizar o empresariado da Província de Tete, encorajando a sua participação activa nos concursos para fornecimento de bens e serviços à HCB, através daquela plataforma online.

No discurso de apresentação do Portal, o PCA da HCB, Dr Paulo Muxanga referiu que a HCB “pretende-se que a plataforma seja um espaço de negócios que permita que às pequenas e médias empresas moçambicanas tenham igual acesso às oportunidades de negócios oferecidas pela HCB”.

Mais adiante, o PCA da HCB adiantou que “uma das principais apostas da HCB é a consolidação da transparência dos seus processos, como forma de promover a contínua inclusão de moçambicanos na promoção do crescimento económico”.

É neste contexto, que a HCB criou Portal de Fornecedores que, segundo o Dr. Paulo Muxanga, constitui um elemento fundamental para o alcance do objectivo de contribuir para o desenvolvimento nacional, através de oportunidade de negócios oferecem as Pequenas e médias empresas.



PCA da Jindal-Africa visita HCB



Presidente do Conselho de Administração (PCA) da Jindal Africa, Naveen Jindal, visitou, recentemente as instalações da HCB no âmbito do estreitamento das relações entre as duas instituições, que exercem as suas actividades no distrito de Cahora Bassa. A visita foi efectuada à margem da inauguração formal das actividades de exploração e exportação do carvão efectuada por aquela multinacional indiana.

Realizou-se em finais do mês de Setembro, na vila de Gondola, província de Manica, o Seminário de quadros da Hidroeléctrica de Cahora Bassa, que juntou membros de Conselho de Administração, directores de serviços, chefes de departamentos, membros do Sindicato e outros quadros da empresa. A reunião debruçou-se sobre a Comunicação e as Relações Interpessoais na Empresa, Ética e Lealdade na Gestão - Princípios e Compromissos e Ser Gestor Hoje - Desafios, Competências e Responsabilidades.



HCB realiza Seminário de Quadros

Para aumento da fiabilidade

HCB INVESTE NA MODERNIZAÇÃO

Projectos visam assegurar a disponibilidade, segurança e sustentabilidade de manutenção na geração, subestações e linhas de transporte

observou-se a necessidade de reabilitar os nove descarregadores (comportas) por serem vitais para a segurança da estrutura da barragem, produção de energia e preservação do ecossistema. Aqui, constatou-se que estes mecanismos estavam em acentuada degradação e poderiam conduzir a roturas e problemas muito graves. “Era preciso fazer uma intervenção urgente que não poderia ser de tipo manutenção normal. Tinha que ser um projecto de reabilitação bem concebido, envolvendo empreiteiros. Tivemos que identificar muito bem o que devia ser feito em cada comporta e definir uma estratégia de

de técnicos, pelo que manter aquele sistema a funcionar naquelas condições é um desafio muito grande, sobretudo para se atingir os níveis de performance que se tem conseguido. “Tínhamos que procurar produzir o máximo possível ao mesmo tempo que tomávamos medidas para intervir de forma mais profunda. Estamos desde então a pensar no projecto, a discutir aspectos técnicos e já iniciamos a primeira fase de reabilitação. Temos alguns equipamentos novos instalados mas, ainda há muito por fazer, pois estamos a trabalhar na especificação técnica e em aspectos de integração na rede regional”, afirma. Por outro lado, está em curso a primeira fase de reabilitação que contempla a substituição de equipamentos identificados como mais críticos e que requeriam intervenção urgente. Tratam-se de duas bobinas de alisamento e uma de reserva de tecnologia moderna. O equipamento anterior tinha tecnologia antiga e pesava cerca de 130 toneladas cada um. Moisés Machava revela que as novas bobinas são constituídas por módulos, menos pesadas e podem ser transportadas em estradas comuns. “A primeira já está em serviço e a segunda vai entrar em

“Era preciso fazer uma intervenção urgente...”

Moisés Machava



fazem das suas e, por isso, a HCB está muito atenta ao assunto. É que, nos primórdios deste ano, deu-se o terceiro caso de queda de torres construídas ao longo do vale do rio Limpopo na sequência das cheias (o primeiro caso foi em 1978 e o segundo em 2000), pelo que já se cogita que este tipo de situação não se deve repetir. “Nas inspecções que fizemos regularmente constatamos que as torres que caíram estavam a alguns quilómetros do curso normal da água em tempo de cheias. Porém, desta vez a água arrastou alguns troncos de árvores que se encaixaram na



A Hidroeléctrica de Cahora Bassa (HCB) está a mudar. Desde que foi revertida a favor do Estado moçambicano não pára de dar boas-novas aos seus novos legítimos donos, o povo moçambicano. Agora enveredou por uma longa, ambiciosa e firme caminhada rumo à modernização de toda a sua estrutura produtiva, nomeadamente a barragem, central de produção, subestações de Songo e Matambo, e linhas de transporte e respectivas torres e isoladores. O custo global das obras é estimado em 90 milhões de euros.

Com os projectos agora em curso, a HCB pretende fazer com que o sistema de produção tenha condições necessárias para gerar e transportar energia até aos pontos de entrega aos clientes de uma forma sustentável com a melhor performance possível e padrão internacional. Segundo Moisés Machava, director de Engenharia de Manutenção, recentemente a empresa desencadeou um processo de análise a toda a cadeia de produção e foram identificados “uma série de aspectos que não estavam muito bem, nomeadamente na geração hidroeléctrica e no Sistema de Alta Tensão em Corrente Contínua (HVDC)”. Com efeito, na componente relativa à produção

abordagem e implementação do projecto”, disse Moisés Machava. O programa de reabilitação das comportas começou a ser implementado em Agosto de 2010 e está previsto que até ao final deste ano sejam concluídos quatro descarregadores, e os restantes cinco serão gradualmente reabilitados até 2015. No que se refere à subestação Songo, na parte de conversão em corrente contínua, Moisés Machava refere que grande parte dos equipamentos foram instalados há 30 anos e já estão no limite de vida útil, com escassez ou mesmo inexistência de peças de reserva no mercado, tecnologias descontinuidas, dificuldades de se ter assistência e formações

funcionamento em Janeiro do próximo ano”. Ainda no quadro deste projecto, está contemplada a instalação de transformadores-conversores especiais para a conversão de corrente contínua para corrente alternada, equipamentos de refrigeração, de protecção e os outros que concorrem para estabilização da performance para se atingir os tão almejados patamares internacionais.

Fundações “anti-cheias”

Mas não são apenas os descarregadores e as subestações que tiram sono à Direcção de Engenharia de Manutenção. As calamidades naturais, com particular destaque para as cheias, quando aparecem

“O cerne da solução devem ser novas torres, com fundações melhor desenhadas...”

torre e devido à pressão a torre cedeu e na queda fez tombar outras tantas e ficamos sem transmissão através daquela linha”, disse Moisés Machava. A ligação foi reestabelecida o mais rápido possível e agora a empresa tem estado a pensar numa solução definitiva que deverá ser concretizada em três anos por via de um projecto de protecção das linhas através de um ligeiro desvio que, entretanto, se reconhece que atravessam uma zona de risco. “O cerne da solução devem ser novas torres, com fundações melhor desenhadas, como aqueles pilares de pontes que são construídos nos leitos dos rios que levam uma protecção especial para cheias mais severas”, aponta Machava.



No quadro dos esforços visando a modernização da geração, produção, conversão e transporte de energia eléctrica, a HCB fez recentemente uma análise do estado técnico das linhas de transmissão de corrente contínua para a África do Sul. Para a realização deste estudo, a HCB recorreu a uma tecnologia denominada LIDAR, que é a inspecção topográfica das linhas por raio laser, por via da qual é possível colher o perfil das linhas em formato tridimensional com a indicação de todo o relevo percorrido até à fronteira. **“Fizemos o trabalho, identificamos medidas que devem ser tomadas e algumas já estão a ser tomadas e outras carecem de estudos de engenharia que estão a ser aprofundados para nos conduzirem à concepção daquilo que deve ser feito”,** disse Moisés Machava. Entre as medidas que estão a ser tomadas, o grande destaque vai para a correcção das distâncias de isolamento que nem sempre vão de acordo com as

normas técnicas. Em outros locais, segundo Machava, ocorre alguma poluição resultante de queimadas descontroladas que provocam descargas que culminam com interrupções de transmissão. **“Isto afecta a qualidade do nosso produto junto do cliente”,** sublinha. Para o director de Engenharia de Manutenção da HCB é possível mitigar estes efeitos por duas vias, nomeadamente através do aprofundamento e consolidação do relacionamento com as comunidades que residem ao longo das linhas e pela substituição destes isoladores por outros com características especiais. **“Precisamos realizar acções mais eficazes em termos de responsabilidade social e na comunicação. Se tivermos alguma actividade ao longo das linhas, devemos envolver as comunidades locais para que se sintam parte do processo e nos ajudem a vigiar e a evitar queimadas descontroladas, bem como o roubo de cantoneiras”,** concluiu.

***em busca
de melhores
performances
das linhas de
transmissão***

Projecto “lidar”

SIGI

SISTEMA DE GESTÃO INTEGRADA

***HCB busca
certificação
em qualidade***

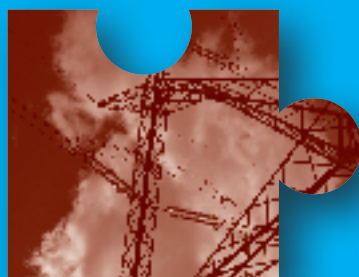
A Hidroelétrica de Cahora Bassa está a introduzir o Sistema de Gestão Integrada (SGI) de qualidade, segurança e saúde ocupacional, por via da qual vai passar a utilizar modelos de gestão suscetíveis de reduzir riscos e de melhorar a eficácia e desempenho da empresa.

Dados em nosso poder indicam que com a materialização desta iniciativa, a HCB se candidata a obter os certificados de qualidade ISO9001 e OHSAS18001, sendo que já foi aprovada a política interna de SGI, que corresponde a uma das principais etapas para o alcance daquela meta. Trata-se de um modelo de melhoria contínua através da qual a HCB poderá passar a servir melhor os seus colaboradores que podem ser os próprios trabalhadores, fornecedores, clientes, entre outros e está baseado na identificação de necessidades e expectativas destes colaboradores e dos perigos associados às actividades da empresa.

**No quadro da
implementação
do SGI, a HCB
deve integrar
nos melhores
padrões
de gestão
operacional**

Para o efeito, estão a ser aprovados vários procedimentos, alguns dos quais relacionados com a gestão de risco de emergências para que cada colaborador saiba como deve reagir numa situação de risco. Este tipo de regras estão a ser adoptadas para as mais diversas áreas de funcionamento da empresa, incluindo as áreas de negócios e corporativas. A título de exemplo, a área o Departamento de Comunicação Interna vai passar a ter normas para a realização de eventos e, de uma forma geral, todos os colaboradores, independentemente do sector em que se encontrem, beneficiarão de treinamento para que dominem os procedimentos para a identificação de perigos, avaliação e controlo de riscos, preparação de respostas a emergências, entre outros.

No quadro da implementação do SGI, a HCB deve integrar nos melhores padrões de gestão operacional, tanto mais que possui muito equipamento sensível cujo manuseio acarreta riscos e, por isso, é preciso que tenha normas para responder a cada situação que possa ocorrer dentro da sua estrutura.



Conforme apuramos, estas medidas estão inseridas no quadro do Plano Estratégico da empresa para o período que vai de 2009 a 2014, pelo que se está a trabalhar com uma instituição de consultoria que faz o apoio às empresas para a obtenção deste tipo de certificados.

A referida empresa de consultoria procedeu ao levantamento dos requisitos que a HCB deve preencher e uma das recomendações foi que se deve adoptar uma política de SGI e, de seguida, deve elaborar uma lista de procedimentos gerais e específicos para cada área.

Depois de satisfeitos estes itens, segue a divulgação das normas e o treinamento de todo o efectivo laboral e, no final, uma equipa de auditoria vai se certificar de que as normas são implementadas e são de domínio de todos.

Segundo consta, até Abril do próximo ano estas normas deverão estar aprovadas e submetidas a divulgação e treinamento, cada director de área assume a responsabilidade de gerir os processos dentro do seu sector e para se aferir se os colaboradores da HCB dominam as matérias estão previstas actividades rotineiras como o Minuto SGI, distribuição de panfletos e a realização de concursos de cultura geral sobre os conteúdos do SGI.

... cada director de área assume a responsabilidade de gerir os processos dentro do seu sector...

O testemunho de quem já sente o SGI

“Primeiro procurei entender o que é o SGI, o que se pretende fazer, quais são os seus propósitos. Percebi que a ideia é trabalharmos como um todo porque cada sector tem influência no produto final da HCB. Por exemplo, ao nível da central, temos equipamentos que usam óleos que podem contaminar a água que é a nossa matéria-prima, pelo que enquanto se faz a produção é preciso ter em conta as questões ambientais”, referiu a técnica de ambiente da HCB, Binte Insa.

Mesmo a propósito da qualidade água concentrada na albufeira, a nossa fonte indicou que são realizadas análises regulares e nos parques oficiais há uma grande preocupação com os derrames de óleos que podem contaminar solos, pelo que há uma busca permanente pela utilização de métodos, materiais e produtos amigos do ambiente. “A introdução destas medidas é para mim um desafio positivo porque penso que influencia o dia-a-dia de cada trabalhador. Temos inspecções mensais em todas as unidades orgânicas nas quais verificamos a implementação destas medidas”, acrescentou.

Para Binte Insa, um dos fundamentos do SGI é prevenir situações de risco que culminem com custos para a organização. Indica, em jeito de exemplo que se não houver derrames de óleos significa que não há poluição e contaminação de solos, o que vai fazer com que a empresa não tenha despesas atinentes a medidas correctivas.

Na sua óptica, apesar do Departamento do Ambiente ser relativamente novo, já influencia os trabalhadores a ponto de não ser possível encontrar derrames de óleos nas nossas oficinas. “Mesmo numa oficina mecânica é difícil encontrar derrames de óleos”, sublinha.

Convidada a avaliar os progressos até aqui feitos, Insa afirma categoricamente que a HCB está em condições de ir a um exame e ser aprovada. “É óbvio que há situações que ainda devemos trabalhar nelas mas acho que demos grandes passos”.

“SGI mudou a consciência de todos”

Edvige Julieta trabalha na HCB há cinco anos como estruturaria, área que se ocupa no Departamento de Higiene e Segurança e afirma que com a introdução do SGI a consciência dos trabalhadores tem estado a mudar. “Temos feito palestras e acções de acompanhamento para verificar se todos usam

equipamentos de protecção individual para evitar acidentes, e o resultado é positivo”.

Graças a estas medidas, o número de acidentes reduziu. “Os trabalhadores estão a mudar a consciência. No início pensavam que era uma exigência a toa, mas agora estão a ver que ninguém pode ir à obra sem equipamentos. Eu acho que todo mundo já sabe que deve ter este tipo de cuidados no trabalho”, disse.

Para reforçar a implementação do SGI, Edvige sugere que haja uma preocupação cada vez maior com os tipos e modelos de equipamentos e uniformes que são adquiridos e cada sector imponha que todos, sem excepção, respeitem as medidas de segurança e saúde ocupacional. “Muitos acidentes aconteciam nas obras de construção civil mas de há uns tempos a esta parte reduziram muito”, sublinha.

...uma preocupação que... cada sector imponha que todos, sem excepção, respeitem as medidas de segurança e saúde ocupacional.

...há uma busca permanente pela utilização de métodos, materiais e produtos amigos do ambiente.

HCB impulsiona desenvolvimento da província de Tete

○ Conselho de Administração da Empresa Hidroeléctrica de Cahora-Bassa (HCB), sediada na Vila do Songo, distrito de Cahora-Bassa, em Tete, está nos últimos anos com a implementação do seu programa de responsabilidade social, a imprimir uma dinâmica mais activa em várias actividades socioeconómicas em prol do desenvolvimento daquela província.

O facto foi revelado recentemente à nossa revista pelo governador de Tete, Ratxide Gogo, que apontou, por exemplo, a obra de ampliação e apetrechamento do Hospital Distrital de Zumbu, uma acção que veio dar um salto no melhoramento da assistência médica e medicamentosa da população residente naquela região da província.

A Hidroeléctrica de Cahora-Bassa, de acordo com Ratxide Gogo, efectuou um trabalho bastante significativo no melhoramento localizado e reposição da ponte sobre o rio Tônguê, que atravessa a estrada Tete-Zumbu, o que possibilita a circulação normal de viaturas ligando a capital da província e a sede distrital, assim como com outras regiões da área nortenha daquele distrito que é bastante rica em agro-pecuária e com forte potencial em produtos madeireiros de primeira classe.



Hoje, conforme aquele governante, com o melhoramento da estrada os operadores comerciais estão empenhados na comercialização agrícola dos excedentes de produção dos camponeses, assim como no abastecimento em géneros alimentícios e outros produtos da primeira necessidade à população. «Graças a esta intervenção da empresa HCB, hoje diminuimos consideravelmente o tempo de percurso entre a cidade de Tete e a sede distrital de Zumbu das anteriores 18 horas para cerca de metade, incluindo na época chuvosa» referiu o governador de Tete.

Ainda com o envolvimento directo da empresa Hidroeléctrica de Cahora-Bassa está em curso, desde os finais do ano passado, o projecto de abastecimento de água potável à vila de Chitima, sede distrital de Cahora-Bassa, em parceria com as mineradoras ENRC e Jindal que operam naquele distrito.

O governante da província de Tete acrescentou ainda que o projecto de fomento de semente de batata-reno no planalto de Angónia, a norte da província, financiado pela Hidroeléctrica de Cahora-Bassa em 2012, está a trazer um impacto positivo no seio dos produtores daquele tubérculo na diversificação daquela cultura, assim como no melhoramento da qualidade da sua produção. “Os produtores de batata-reno, no planalto de Angónia estão a atingir níveis muito elevados de produção nos últimos dois anos devido à progressão do projecto de fomento daquele tubérculo, cuja acção foi financiada pelo Conselho de Administração da empresa HCB, inserido no seu vasto programa de responsabilidade social”, sublinhou Gogo. Sabe-se ainda que o conselho de administração da empresa Hidroeléctrica de Cahora-Bassa concluiu entre outras actividades sociais em 2011, a reconstrução da escola primária de Chicôa Nova, no posto administrativo de Chitima, que havia sido destruída pelo vendaval que deixou centenas de crianças ao relento para a sua aprendizagem.



A HCB está, nos últimos anos, com a implementação do seu programa de responsabilidade social, a imprimir uma dinâmica mais activa em várias actividades socioeconómicas em prol do desenvolvimento desta província.

ADELINO TIMÓTEO

Um dia convidaram-me a viajar até Songo, para participar da I Feira do Livro organizada pela empresa em benefício da comunidade local. Hospedaram-me no Ugezi Tiger Lodge, em plena margem da albufeira da Cahora Bassa. E era noite quando lá cheguei. No dia seguinte, motivado pelos cantos dos galos, despertei muito cedo, e qual não foi o meu espanto quando observei que o que tinha à mão era o Rio Zambeze de águas verde turquesas. Repito, a água do rio que se acumula no espaço onde foi erigida a barragem da Cahora Bassa dá lugar a uma grande maravilha gerada pela influência do homem: o lago verde-turquesa da barragem encravada no Rio Zambeze. Foi este verde-turquesa que me chamou a atenção, de tal modo que, naquela manhã, fascinando por aquela cor alegre, eu e o Acamo Maquinasse alugámos um pequeno bote, um concho, e lá fomos de aventura pelos mistérios do rio, até ao lago artificial. O piloto do concho, um jovem, Joaquim

Cazembe, conduziu o concho, deixando-o engolir entre as montanhas, de onde, cá em baixo, nos sentíamos como formigas. A paisagem é deslumbrante, com um panorama impressionante para as vistas. Cazembe, tal como eu, é um alucinado por aquela paisagem. E quando a descreve percorre-lhe no rosto um grande entusiasmo. Diz que não há lugar mais lindo do que aquele no mundo. Pergunto-lhe se conhece o mundo, ao que todo condescendente ele me sorri. Como que a pretender dizer um não redondo. Compreendo o que ele quer dizer. Há poucos lugares, poucos lagos atapetados por semelhante verde turquesa. Ele diz que resulta de uma bênção dos céus. Sorrio-lhe, enquanto cá para os meus botões penso que ele é um ladrão de visões aléns. Dali onde navega tem uma dádiva especial que lhe permite ver lugares de encantamento pelo mundo além. Qual alguém que usufrui de uma pedra filosofal.

Cahora Bassa

a maravilha do verde turquesa



O que Cazembe parece não conhecer é que, enquanto o homem cinzelava o basalto, enquanto o homem cimentava o betão, não só criava uma barragem, mas mais uma das maravilhas do mundo, um lugar de eleição para o turismo. A referida albufeira é a quarta maior de África (depois de Assuão, Volta e Kariba), com uma extensão máxima de 250 km em comprimento e 38 km de afastamento entre margens, ocupando cerca de 2700km² e tendo uma profundidade média de 26 metros. É ainda a maior barragem de betão em volume construída em África. É perante esta realidade que me emociono. Acredito ter recebido uma bênção dos deuses, o que me permite fazer uma excursão errante por aquele empreendimento. Vista de cima não parece algo extraordinário, uma vez que lá em baixo em que

submerge ressalta grandemente aquele verde-turquesa, e só depois o betão sai do obscuro para tomar a sua dimensão arquitetónica. Cazembe parece ter consciência disso, quando me revela: “O homem quando cavava este lugar para colocar esta barragem parece que não sabia que daqui sairia uma das mais belas fotografias, um verde perfeito, que nunca vi, depois estas rochas graníticas suspensas, como se Deus se tivesse dedicado a colocar cada uma em seu lugar”. É amável o piloto do concho. Ele conhece de geologia e minas. Fala-me que ali predominam os granitos e gnaisses, constituídos fundamentalmente por feldspato e quartzo, aquele, por vezes, em todo rosado. Ainda que pareça ingénuo, ele tem noção do que diz. Conta-me então que a construção do empreendimento começou em 1969 e a segurança



Cahora Bassa, a barragem de todas as maravilhas



Cahora Bassa, a barragem de todas as maravilhas



durante esta fase esteve garantida pelos Batalhões de Caçadores Pára-quedistas portugueses 31 e 32. A albufeira começa a encher em dezembro de 1974. “Esta maravilhosa obra humana do género humano constitui um verdadeiro hino à inteligência, um promotor do progresso, um orgulho para os empreiteiros, construtores e trabalhadores desta fantástica realização”, afirma ele, recuperando de cor e salteado as palavras de Samora Machel. É já quase meio-dia e a temperatura toca os quarenta graus. Os ecossistemas locais refletem, naturalmente, essa condição: as florestas de embondeiros que se nos chegam de cima são um dos paradigmas paisagísticos desta província. Ugezi Tiger Lodge é também rodeado de embondeiros. Foi erguido obedecendo ao estilo sul africano que combina com harmonia madeira e pedra. E são predominantemente os sul africanos, os



rodesianos e os europeus que para ali se deslocam para jornadas de pesca desportiva na albufeira. O peixe tigre, autóctone do Zambeze, é a espécie mais desejada pelos pescadores. No Ugezi há fotos afixadas nos painéis, através das quais os hóspedes podem colher ilações do quanto representa aquele tipo de atividade desportiva para os estrangeiros. E Cazembe revela-me que o peixe tigre pesa em média seis a sete quilos. Outros há que chegam a quinze quilos. Cazembe leva-me até à junção da abóbada de dupla curvatura com uma altura a partir das fundações de 171m. O que me leva ao pânico, pois penso que, por um descuido, podemos passar pela comporta e de lá sairmos em farinha, pressionados pela força dos dinamos. O verde-turquesa de Cahora Bassa rivaliza com os do mar de Pemba, Ilhas de Ibo e de Moçambique. E não é só o verde-turquesa que a torna cativante. A jusante do lago, Cazembe mostra-me uma vegetação típica da área, constituída por espécies arbóreas designadas de ‘Colophospermum mopane’. As espécies identificadas incluem, além do em-



Cahora Bassa, a barragem de todas as maravilhas



bondeiro (*Adansonia digitata*), a Chanfuta (*Azelia quanzensis*) e outras espécies. É savana típica, com árvores abertas, vegetais que vão desde as ervas, árvores de pequeno porte, até às de grande porte. Esta cobertura vegetal é composta por arbustos e árvores que variam desde um (1) a dois (2) metros até cerca de vinte (20) metros de altura. Algumas plantas possuem gavinhas e as trepadeiras juntamente tornam algumas áreas fechadas. A fauna local caracteriza-se por animais de pequeno a grande porte como coelhos, gazelas, javalis, macacos, antílopes, galinhas do mato e pássaros diversos. A Hidroelétrica de Cahora Bassa (HCB), onde se localiza a CENTRAL SUL, situa-se no Distrito de CAHORA BASSA, na Província de TETE, a 140 km da Cidade de Tete. De qualquer ponto do país pode-se lá chegar de avião ou de carro.

Angola, Namíbia, Zâmbia, Zimbábué e Moçambique, por onde passa o rio Zambeze transpira riquezas. Se estes países têm tanto em comum, se calhar devem-no às águas do rio Zambeze. O Zambeze é uma feira: em Angola, Cataratas Chavuma, na Zâmbia, o Parque Nacional de Mosi-oa-Tunya, e no Zimbábué, o Parque Nacional de Vitória Falls, um Património Cultural da Humanidade desde 1989 com quedas de água com 99 metros. Por agora exploremos a fatia moçambicana do Zambeze que tem também o seu património mundial, a mítica dança Nyau praticada no norte do Zambeze.

Em Moçambique, das riquezas construídas pelo homem no Zambeze destacam-se a barragem de Cahora Bassa localizada em Songo, na província de Tete, a ponte Dona Ana ligando a província de Tete e Sofala, a ponte Samora Machel que une a cidade de Tete a Moatize e recentemente a Ponte Armando Emílio Guebuza que liga o país, nas províncias de Sofala e Zambézia.

Nesta viagem pelas outras riquezas do rio Zambeze, a primeira paragem é na grandiosa ponte, a Samora Machel me chama atenção e deslumbra pela dimensão e arquitetura.

A ponte Samora Machel, em homenagem ao primeiro presidente de Moçambique, localiza-se à beira do rio Zambeze no centro da cidade de Tete. Esta foi a primeira ponte sobre o rio Zambeze no território moçambicano. Uma estrutura metálica suspensa com um tabuleiro de cerca de um quilómetro.



As outras riquezas do Zambeze

A mesma foi projectada pelo engenheiro Edgar Cardoso durante a fase preparatória da construção da barragem de Cahora Bassa. A sua construção durou quatro anos, foi inaugurada no dia 20 de Julho de 1972.

Histórias, mitos e memórias sobre esta ponte que extinguiu a travessia com batelão iniciada na década 1920. Calisto, 73 anos de idade, utente da ponte há 41 anos lembra que “antes da ponte era difícil chegar a outra margem do rio, começamos por usar canoas, mas como esta travessia é longa e perigosa, depois passamos para o barco à vela e a motor, e mais tarde é que tivemos o batelão”.

A ponte Samora Machel acompanhou a história do país “durante o período da guerra a travessia na ponte era feita até às 21horas e era feita no machimbombo e bem identificados para evitar intrusos”.

Nas margens do Zambeze “quando o sol se põe, as canoas e as crianças que por ali nadam formam silhuetas magníficas para observar e fotografar. Os jovens habilidosos saltam da ponte para o rio criando imagens visuais agradáveis de ver e de registar” conta Tiago, de 35 anos de idade, utente da ponte há 5 anos.

Há todo um frenesim típico de uma província que desperta para o desenvolvimento com todas as suas riquezas naturais. O trânsito é intenso. Nas

O delta do Zambeze e a sua grandiosa extensão



passadeiras convergem homens de negócios, turistas, comerciantes, trabalhadores, e nesta manhã de segunda-feira alunos uniformizados seguem caminho para a escola. Na faixa de rodagem os veículos ligeiros e pesados disputam espaço com as motorizadas.

A arquibancada onde outrora ancorava o batelão virou estendal de roupa e transformou-se no palco predilecto para as brincadeiras dos petizes e dos jovens casais para apreciar o pôr-do-sol. Porque o ponteiro do relógio não espera, desfrutada a lindíssima vista da ponte, sigo de carro no caminho que me levará a albufeira de Cahora Bassa, meu destino final, já tão aguardado.

Ao fim de cerca de 120 quilómetros de estrada chego ao maravilhoso lago artificial, ocupando uma área de 2900 km2, um comprimento máximo de 270 km e uma largura máxima de 30km. Chegado a Cahora Bassa vejo garganta do rio Zambeze e logo a seguir a barragem, a sua grandiosidade é inexplicável. Na entrada, uma placa de mármore preto nos lembra o quão impressionado ficou o presidente Samora Machel, em 1986, quando visitou o empreendimento “esta maravilhosa obra humana do género humano constitui um verdadeiro hino à inteligência, um promotor do progresso, um orgulho para os empreiteiros, construtores e trabalhadores desta fantástica realização (...)”.

Ao aproximar da comporta vislumbro o arco-íris nas águas da albufeira, o som provocado pela força da água me embala. Subindo a ladeira para ter



A proximidade do rio traz um modo de vida aos habitantes das suas margens



As canoas feitas de tronco de embondeiro



acesso da barragem, através do lado dos túneis iluminados, que mais parecem um cenário dos filmes de Hollywood que um caminho para chegar-se a central.

Feito o percurso do túnel a visão das águas é inesquecível proporcionada pelos jactos de água do infinito rio Zio, tão inesquecível que dá vontade de seguir o seu percurso. Este espectáculo não pode ser contemplado por muito tempo até porque é arriscado ficar por lá. O melhor que faço é voltar à margem. Nas margens, canoas solitárias aguardam pela hora da pesca, barcos a motor que aguardam pelo dia do passeio. Ao redor encostas verdes desfilam árvores rochas das margens da albufeira. Enquanto aquela imensidão ainda toma conta de mim chegam duas canoas, uma das quais com um passageiro e a outra nela apenas o remador. É nes-

Cahora Bassa, a barragem de todas as maravilhas

te tipo de canoas que os habitantes desta terra se fazem transportar todos os dias, excepto nos dias de chuva por temer infortúnio. Nelas, transporta-se passageiros e bens. A cada viagem é uma emoção diferente, e como ninguém entra num rio e sai da mesma forma é um renovar de alma a cada remada completa.

Uma dessas canoas é do jovem Mário de 30 anos de idade, um filho da terra que há cinco anos faz transporte de passageiros de uma margem para outra na sua canoa construída com tronco de embondeiro. Ele é o transportador escalado “hoje é meu dia de trabalhar, por semana trabalho duas vezes para que os outros também possam trabalhar e ganhar dinheiro. São 5,00 Mt quer ir ver o outro ou tem medo?” Prontamente respondo: não, não tenho medo. Vamos.



Embora já tenha ouvido histórias hilariantes sobre o rio Zambeze, preciso de lá ir. Subo a canoa de Mário e vamos até a outra margem que subindo a montanha me levaria ao bairro Nkobe. A esta hora da manhã (9 horas) estas águas verdejantes e muitas vezes impetuosas estão serenas e transformaram-se em espelhos d’água. Nelas vê-se reflectida uma paisagem verdejante com formosas árvores entre rochas e montanhas. A chegada à outra margem contempla-me com a imagem da jovem mulher que lava roupa enquanto as crianças tomam banho. O trajecto leva 10 minutos, totalizando 20 minutos de remos. Mário é franzino, contudo bastante habilidoso, ele rema com força e rapidez. O rio Zambeze além de ser a principal fonte de água para consumo neste pedaço de Moçambique, é habitat de várias espécies de animais tornando-o num lugar ideal para observar animais como hipopótamos, búfalos, cudós, leões, impalas, búfalos, crocodilos e até elefantes. A beleza, a exuberância e a diversidade são surpreendentes! Procuo sem sucesso um pescador que possa contar o quotidiano nas águas do Zambeze. Onde posso encontrar os pescadores? – Mário responde: A esta hora é difícil, eles estão em casa a descansar, mas vai ver ali no Ugezi.

Ndindó o jovem pescador que dá “carolhos” ao crocodilho

Depois do passeio de canoa (tronco escavado) percorro 20 km da barragem, ao longo do caminho são as placas de azuis de material metálico com escrita vermelha que me conduzem ao Ugezi Tiger Lodge, um complexo turístico ecológico. À chegada avistam-se casas no meio de plantas e ao de longe espreitam barcos a motor usados para passeio e pesca desportiva. Lá no fundo avisto o sorridente Araújo Ndindó que regressa da pesca. Araújo Ndindó, 36 anos, pesca na albufeira para garantir o sustento de sua esposa e dos seus quatro filhos. Proprietário de duas canoas, Ndindó aprendeu o

A pesca artesanal é recompensadora, desde o pende, o n’chene até à lagosta de água doce.



Modernas embarcações convivem com as tradicionais canoas de embondeiro...



...cujo “motor” demonstra um profundo conhecimento do rio, transmitido de geração em geração!



Na simplicidade está a qualidade

ofício da pescaria com o seu pai “quando completei 6 anos o meu pai passou a levar-me na canoa dele para o ajudar, e quando fiz 12 passei a vir pescar sozinho”. De lá para cá, a pesca transformou-se na sua actividade principal e a agricultura o seu trabalho secundário. “No inverno quando o pescado é fraco vou à machamba com a minha mulher, cultivamos milho e amendoim”. Já lá se vão 24 anos e a rotina se mantém. “Todos os dias à tarde venho deixar a minha rede na água e vou para casa. No dia seguinte, às 06horas da manhã venho ver se os peixes caíram na minha rede”. Este pescador artesanal gosta da sua actividade e afirma ganhar um bom dinheiro “na pesca apanho dinheiro para alimentar a minha família, por dia consigo 500,00 Mt à 1.200,00 Mt. Nos dias de azar, em que entra um peixe grande e fura a rede é que ganho pouco dinheiro. Eu já tenho comprador para o peixe pende, assim que chego da pesca ele leva”. Na pesca artesanal geralmente pesca-se peixe pequeno e médio visto que o maior rasga a rede e escapa. No entanto, há 8 anos Ndindó tirou a sua sorte grande “normalmente apanho peixe de 2kg à 5 kg, mas em 2005 pesquei um peixe pende de 12 Kg”. Além do peixe pende, Ndindó retira da albufeira o peixe N’chene e lagosta de água doce que leva para o consumo familiar. Pescar na albufeira de Cahora Bassa, por vezes exige outras habilidades para salvar-se dos crocodilos que por ali surgem durante a pesca. Ndindó para não virar refeição àqueles répteis do Zambeze afasta-os da sua beira recorrendo a uma técnica curiosa, dando pancadas na cabeça e nos olhos do crocodilo. “Na água o crocodilo segura a canoa e segue consigo até a margem onde ele tem mais força e vira a canoa. Então quando vejo que o crocodilo está a segurar a minha canoa procuro ficar calmo e espero até chegar próximo da margem, e bato na cabeça ou nos olhos dele. Aí o crocodilo fica tonto e foge, desço logo a correr e vou vender o meu pescado”. Essa técnica tem ajudado Ndindó a manter-se nas águas do Zambeze, contudo como não se pode confiar num réptil ele confessa “ainda tenho medo porque os crocodilos são traiçoeiros, às vezes viram canoas dentro da água. Isso já faz parte do meu ofício por isso com ou sem medo no verão venho pescar”.

“O chicao é um peixe especial com um sabor único”

Além do rio Zambeze que é partilhado com Angola há um sabor que liga os angolanos aos moçambicanos, o sabor do chicao! É o empresário angolano Pedro Tomás que nos



conta “há poucos anos houve um desembarque de chicao no porto de Angola e as vendas do meu peixe (carapau) estagnaram. Os trabalhadores disseram-me que toda a gente desviava para ir comprar o peixe seco. Passei a secar o meu carapau pescado em Angola, contudo isso não resultou, porque os angolanos gostaram muito do chicao”. Ao fim de vários meses de pesquisa para saber a origem, o empresário teve de seguir viagem para Chitima e surpreendeu-se com o que encontrou. “Quando cheguei assim que provei, entendi tudo. O chicao é especial um peixe especial e tem um sabor único. Em Angola, o chicao é considerado bacalhau de água doce”. Na busca de explicações sobre o sabor do peixe entre conversas com os locais, leituras e a história da albufeira de Cahora Bassa, Pedro Tomás avança com uma explicação “com o desvio do das águas do rio durante a construção da barragem houve uma mistura de águas e os peixes começaram a consumir algo diferente ao do costume, e isso é que enriqueceu o seu sabor”. Será verdade que o desvio da margem direita e das enceradeiras que permitiram o início de construção da barragem levou os peixes a fazerem descobertas? Fica aí um mistério por desvendar. O facto é que o chicao tem um sabor peculiar e quicá seja o “bacalhau de água doce” que só pode ser encontrado na albufeira de Cahora Bassa, pois é um peixe autóctone do Zambeze, que depois é seco



com sal na região de Chicôa-Mágoé no distrito de Chitima. Pescadores locais contam que há gente da pesca semi-industrial que tentou criar o peixe pende em cativeiro à semelhança do que se tem feito com o capenta, no entanto, o resultado não agradou aos apreciadores do peixe, uma vez que o sabor estava alterado. Desta forma, a solução foi apelar para os pescadores da albufeira de Cahora Bassa.

O rio das riquezas

Passeando pelo rio dentro se descobre as ilhas aqui e ali, se pratica a caça desportiva, actividades aquáticas, o turismo contemplativo, incluindo safaris fotográficos e observação de pássaros. O Zambeze é um rio de riqueza piscatória, faunística e visual que guarda muita história, que vive na memória dos residentes das regiões à margem. A sua diversidade já atrai turistas de todo mundo que procuram novas experiências turísticas.



Calane da Silva e Lília Momplé

os galardoados de “José Craveirinha”



Calane da Silva

O Grande Prémio José Craveirinha é promovido pela AEMO e patrocinado pela Hidroeléctrica de Cahora Bassa (HCB) para distinguir a carreira de autores nacionais, cuja obra valorize e promova a cultura moçambicana dentro e fora do país.

Nas duas primeiras edições daquele que é o maior prémio cultural do país no valor de 25 mil dólares americanos, galardoou dois nomes da literatura moçambicana, Calane da Silva e Lília Momplé, cujas obras falam por si. Conheça nas próximas linhas o percurso e perfil dos laureados.

Calane da Silva um devorador de livro laureado

Raúl Alves Calane teve a sua iniciação à leitura muito cedo. Aos 4 anos, o seu irmão de 10 anos levava-o consigo às suas aulas. Foi durante as aulas que fora notado e encaminhado para a primeira redimentar. “Quando iniciei o ensino primário, aos 6 anos, já sabia fazer contas de dividir com dois algarismos, ensinadas pelo meu pai”.

Quando é que despertou em si o gosto pela leitura?
No ensino primário e no secundário tive, felizmente, bons professores, exigentes e muito profissionais, não morreu em mim esse gosto pela leitura. Outras obras com outro fôlego foram surgindo e acabei, a partir dos meus 13/14 anos, por me transformar num “devorador” de livros. A vontade de escrever surge em paralelo não apenas nas redacções obrigatórias nas escolas, mas depois em historinhas e poemas sobre a realidade suburbana que me rodeava”.

Que estímulo teve para a escrita?

A publicação dos meus textos. Quando já tinha pouco mais de 20 anos comecei a enviar alguns desses textos para as páginas literárias dos jornais e aconteceu que alguns deles foram aí publicados, isso me deu confiança e me incentivou. Devo acrescentar que em 1969, aos 23 anos, quando ingresso no jornalismo profissional verifiquei que a escrita era a minha missão, uma vez que para além das notícias, reportagens e reportagens de fundo, comecei a assinar crónicas. Com isso o caminho estava praticamente aberto para a escrita literária. É pena que essas páginas de “Artes e Letras” tenham quase desaparecido dos nossos jornais.

Como é que a sua família reagiu ao seu interesse pela escrita naquela época complexa?

Infelizmente perdi o meu pai aos 9 anos. A minha mãe que era vendedora de peixe camarão, praticamente analfabeta, pois só conseguia assinar o nome dela, quando entrei para o jornalismo profissional ela rejubilou, mas também ficou apreensiva, pois sabia por familiares (Noémia de Sousa, por exemplo) que a escrita também podia levar à prisão e até à própria expulsão do país. Contudo, ela tinha muito orgulho de ter um filho badalado pelo que escrevia, e sempre seguiu a minha carreira com muito interesse até a sua morte, em 1978.



Lília Momplé

Escreveu para O Brado Africano, um jornal que pode ser considerado o despertar da poesia verdadeiramente moçambicana...

Infelizmente não cheguei a colaborar com O Brado Africano no tempo colonial, mas, após o golpe de estado em Portugal, a 25 de Abril de 1974, fui um dos mentores da recuperação do Brado. Durante alguns anos, o Brado esteve nas mãos de indivíduos pró-colonialistas desde a prisão em 1964/65 do José Craveirinha, do Domingos Arouca e do Luís Bernardo Honnwana. Fui chefe de Redacção e o director era o economista Salomão Muguambe.

O que lhe inspira para a escrita?

A realidade moçambicana e o Ser Humano do ponto de vista social, cultural e espiritual me inspiram e me motivam de modo a registar estético-emocionalmente todo essa realidade, não apenas do ponto de vista literário mas igualmente do ponto de vista académico. É, por isso, que a minha obra escrita e publicada não se cinge unicamente à arte literária (poesia, contos, romances, literatura infantil), mas também ao mundo académico, daí a publicação de obras científicas na área da linguística, da literatura e mesmo da espiritualidade.

É multi-facetado. É docente, escreve poemas, romances, textos jornalísticos, mas também disserta sobre antropologia cultural, educação e outras temáticas. Qual é a temática que mais gosta de escrever sobre? Todas essas áreas me apaixonam e me motivam à escrita literária e à investigação. Contudo, tematicamente, a ciência espiritual é que mais me seduz. O campo da espiritualidade e o estudo comparativo das religiões são temas de eleição para mim.

É um escritor e académico bastante activo na CPLP e não só, a avaliar pelo número de livros publicados, pelas participações em eventos culturais internacionais, pesquisas realizadas e funções exercidas em associações e instituições culturais e académicas. Como é que o seu trabalho ajuda

as artes e cultura na Comunidade dos Países de Língua Portuguesa?

A criação literária e a investigação linguístico-literária já são por si mesmas, ajudas substantivas às artes e à educação no âmbito da CPLP. Não é por acaso que continuo a ser convidado para proferir palestras em vários países africanos de língua oficial portuguesa, tais como Brasil e Portugal. Isso para não falar das outras universidades europeias e africanas, como é o caso da Espanha, da África do Sul e Tanzânia. Neste último país, por exemplo, fui há meses convidado a proferir algumas palestras na Universidade de Dar-Es-Salam e também no

Instituto Moçambicano.

E como membro activo da Comissão Nacional da Língua Portuguesa em Moçambique, um órgão do Instituto Internacional da Língua Portuguesa (IILP) do qual sou membro fundador, tenho, prestado a minha colaboração. Por exemplo, nos últimos tempos, juntamente com outros membros do IILP no

nosso país, temos trabalhado para a Ratificação do Acordo Ortográfico.

Em sua tese de mestrado dissertou sobre o léxico na obra de Craveirinha e anuncia-o como estiloso. O José Craveirinha era mesmo um estiloso?

Sim era. Craveirinha embora de poucas posses económicas, sempre gostou de se vestir bem e, como se dizia na época dele e igualmente na minha, tinha estilo. Ele saía de casa sempre com a sua roupa impecável e o seu chapéu inconfundível e tinha um andar bem compassado, de atleta. Era um estiloso.

Quando estava a escolher o título para a publicação da minha tese sobre a estilística e função estética dos lexemas bantu e os neologismos luso-rongas na obra de José Craveirinha, sendo eu jornalista que sabe jogar e escolher títulos das suas reportagens, achei por bem, já que estávamos no âmbito do estilo e da estética linguístico-literária, jogar com esses dois sentidos e realidades. Daí o “Estiloso Craveirinha” nessa obra que aborda também a Pedagogia do Léxico.

Calane da Silva embora exerça outras funções conseguiu como poucos escrever de forma consistente. Qual foi o segredo?

Nenhum. Isso tem a ver com o aceitar sacrifícios, trabalho árduo, ser persistente e fundamentalmente ter amor naquilo que faço, por mim e pelos outros. Sem amor não há criação realmente digna desse nome. Por isso, repito que o Ser Humano criativo é co-criador com o nosso Criador. E aquela frase conhecida de que a escrita literária é 20 por cento de talento e 80 de trabalho suado acaba por ser verdade.

Em 2010 recebeu o prémio José Craveirinha já no novo modelo. O que acha da iniciativa?

É uma iniciativa estimulante para o aparecimento de mais poetas, contistas, romancistas e dramaturgos. É o maior galardão literário do país, prestigiando assim a literatura moçambicana e os seus autores, estimulando-lhes o empenho e a sua autoestima.

O Prémio Craveirinha no seu novo modelo é um prémio de muito valor significativo uma vez que é um prémio de vida literária e não relativa a uma única obra. A sua atribuição honrou-me de uma maneira singular, não apenas pelo reconhecimento de toda uma vida literária do escritor premiado, mas também pelo nome que ostenta. Na verdade, José Craveirinha é um gigante da nossa literatura e a atribuição do seu nome ao maior galardão literário do país outorgado pela Hidroeléctrica de Cahora Bassa, foi e é algo de valor inestimável. Esta grande empresa de produção hidroeléctrica cresceu aos olhos do país e aos meus, naturalmente, quando resolveu abraçar a iniciativa de um prémio de vida literária proposto pela Associação dos Escritores Moçambicanos (AEMO). Particularmente, eu, que fui amigo de José Craveirinha até ao fim dos seus dias, fiquei duplamente satisfeito pelo facto do prémio ostentar o seu nome e ter sido o primeiro galardoado depois de ser instituído na sua nova modalidade.

Chegou a investir parte do valor que recebeu em projectos culturais?

Investi num grupo espiritual e de solidariedade, que, no campo mais largo dos seus objectivos, é também cultural. E como nada acontece por acaso, parte do dinheiro ganho no prémio serviu para, em emergência, ajudar a resolver um grave problema de saúde envolvendo uma cirurgia melindrosa à minha esposa.

Que autores abundam na sua biblioteca de casa?

Sem amor não há criação realmente digna desse nome. Por isso, repito que o Ser Humano criativo é co-criador com o nosso Criador. E aquela frase conhecida de que a escrita literária é 20 por cento de talento e 80 de trabalho suado acaba por ser verdade.



Os autores que abundam na minha biblioteca são de quase todos os quadrantes do mundo e de conteúdos muito diversos, desde romances universais de escritores de vários países incluindo moçambicanos, romances policiais e de ficção científica, aos livros teóricos sobre linguística e literatura e sobre outras ciências, como a física moderna, mormente a mecânica quântica, a História Universal, a Astrofísica, a Fitoterapia, a Alimentação Natural, a Música, a Antropologia Cultural e a Filosofia. Reservo um carinho muito especial para os livros relativos à ciência espiritual, reencarnação, mediunidade, positividade energética, curas espirituais pela palavra e por energização através das mãos, meditação, energia cósmica, cura e criatividade quântica, obras psicografadas por grandes médiuns e reveladoras de outras dimensões existenciais. Obras sobre os espíritos e espiritualistas, assim como a história das religiões e obras sobre o misticismo. São mais de 500 exemplares de obras dessa temática que me é tão cara.

É um leitor activo. Quantos livros lê por ano?

A média de leitura continua a ser entre 40 a 50 obras por ano, para além da leitura de revistas, jornais diários e semanários. Tenho, felizmente, uma biblioteca, alimentada a pouco e pouco nos últimos 50 anos, de mais de 4.500 livros, poucos em relação àquilo que li, pois não os pude comprar, mas que muitos amigos-leitores solidários me emprestaram para ler.

Calane da Silva é membro fundador da AEMO e já publicou 15 obras, entre as quais “Dos Meninos da Malanga” (1982), “Xicandarinha na Lenha do Mundo”, “Nyembêtu ou as Cores da Lágrima (2008)” e “Kulimando Saberes” (2013). Este escritor que tem vários textos publicados em antologias, jornais e revistas nacionais e internacionais, é Doutorado em Linguística Portuguesa, na vertente Lexicologia, pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Foi por vários anos redactor e editor-chefe dos principais órgãos de informação em Moçambique tais como a Televisão de Moçambique, o Jornal Notícias e a Revista Tempo. Actualmente, aos 68 anos lecciona Literaturas Africanas em Língua Portuguesa na Universidade Pedagógica de Moçambique e se dedica à investigação e à escrita literária e académica.

O caminho trilhado por esta escritora, que tem parte de sua obra representada em várias antologias nacionais e estrangeiras é próprio de uma mulher bem organizada, que desde cedo acreditou que o conhecimento e a versatilidade são o segredo para se chegar a um porto seguro.

O percurso de Lília Momplé

Vinte e cinco anos de carreira literária. Na carteira um prémio de 25 mil dólares, o maior da nossa literatura e com o nome do nosso maior mestre, o poeta José Craveirinha. Coincidência ou não, o mestre é também a primeira fonte de inspiração de Momplé, escritora que aos 78 anos de idade ainda promete um livro sobre a sociedade fantoche na qual vivemos.

Aventuras, estratégias e revelações em torno do mundo das letras dominam a conversa que tive na sala nobre da Associação dos Escritores Moçambicanos (AEMO) com Lília Momplé. Uma conversa que flui enquanto ela se delicia com um chá. Como iniciar a conversa com uma escritora que já deu muitas entrevistas e todos os seus feitos são de domínio público? O risco de contar a velha história parece inevitável. Mas é um risco que vale a pena correr.

Momplé, que em Março deste ano completou 78 anos de idade, construiu, como poucos, em 25 anos

uma carreira notável ao nível nacional e internacional.

Trajecto que pode parecer inacreditável, tendo em conta que ela lançou o primeiro livro aos 53 anos de idade e até agora publicou três.

Mas engana-se quem pensar que o facto de Momplé ter-se destacado no exterior, quer

em feiras, quer em conferências e noutros eventos literários, tenha sido por mera sorte. E engana-se ainda mais quem pensar que para fazer diferença na literatura é preciso publicar muitos livros.

O caminho trilhado por esta escritora, que tem parte de sua obra representada em várias antologias nacionais e estrangeiras é próprio de uma mulher bem organizada, que desde cedo acreditou que o conhecimento e a versatilidade são o segredo para se chegar a um porto seguro.

Aos 18 anos, terminado o ensino secundário, em Moçambique, Momplé partiu de navio com destino a Lisboa para estudar. Realizado o sonho da formação superior, outros surgiram. Queria aper-

feiçoar a língua que abre outras portas. “Quando terminei o curso superior em Serviços Sociais, em Lisboa, tive a oportunidade de ir à Inglaterra, e fui aprender Inglês com os ingleses. Lá servi a mesa, lavei pratos e trabalhei em casas a fazer tarefas domésticas conta”. Além de Português e Inglês Momplé fala Francês, Emakua e Alemão.

“Quando li o livro Xigubo de Craveirinha até tremi de emoção”

A veia literária viria a despontar 16 anos após o regresso a Moçambique, particularmente inspirada por José Craveirinha. O seu encontro com a obra do poeta-mor, foi um momento impactante e decisivo para vida literária de Lília Momplé.

“O meu contacto com Craveirinha foi sentimental. Eu acabava de regressar de Lisboa e tive a oportunidade de ler o livro dele. Quando li o livro *Xigubo, de Craveirinha*, senti uma grande emoção que até



tremia, diz Momplé. Era a primeira vez que eu via os africanos como personagens principais, e não como sombras, personagens secundárias como se via noutros livros”.

A partir desse contacto, ela tornou-se fã de Craveirinha para toda a vida. “Quando fui eleita Secretária-Geral da Associação dos Escritores Moçambicanos, escolhi o Craveirinha como meu companheiro de honra. Foi ele quem me apresentou ao mundo da literatura (...) e até hoje leio as obras do Craveirinha e venero a pessoa dele”.

O seu primeiro livro foi, “Ninguém matou Suhura”, editado pela AEMO, em 1988. Desta obra, no mesmo ano, o conto “Caníço” foi distinguido como o primeiro prémio da Novelística no Concurso literário do Centenário da Cidade de Maputo. No mesmo ano, Momplé assinou o guião do premiado filme *Muhupitit Alima*, E três anos depois, o conto “O Baile de Celina”, da mesma obra, foi finalista do *Caine Prize for African Writing* (Prémio Caine para Escritores de África).

Nos anos seguintes, Lília Momplé consolida o seu nome na literatura, colabora extensivamente na imprensa nacional e internacional, publica os livros “Neighbours”, em 1996, e “Os Olhos da Cobra Verde”, em 1997.

Como resultado do seu trabalho na literatura foram lhe confiadas funções como as de chefe de departamento de relações internacionais do Ministério da Cultura, directora do Fundo para o Desenvolvimento Artístico e Cultural de Moçambique (FUNDAC), Secretária-Geral da Associação de Escritores de Moçambique (AEMO), entre 1995 e 2001, e representante nacional do Conselho Executivo da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) entre 2001 e 2005. Se por um lado Momplé graças ao seu talento literário participa em eventos internacionais de artes e literatura em países como Zimbábue, Inglaterra e Estados Unidos da América. Por outro lado, a sua obra literária é traduzida em inglês, alemão, francês, italiano e sueco, e é objecto de pesquisas académicas dentro do país e fora em países tais como Brasil, Estados Unidos da América e Portugal.

“O Prémio José Craveirinha dá mais energia para continuar a escrever”

O maior reconhecimento viria a ser o Grande Prémio José Craveirinha, promovido pela AEMO e patrocinado pela Hidroelétrica de Cahora Bassa (HCB) para distinguir a carreira de autores nacionais, cuja obra valorize e promova a cultura

“Sonho em escrever o romance sobre a história de amor da minha avó Maihassa e do meu avô francês, Lui Lui Carrière. Ele se apaixonou perdidamente pela minha avó macua. O meu avô e a minha avó viveram esse amor até o último dia de vida do meu avô.”



moçambicana dentro e fora do país.

“Foi emocionante voltar aquela casa para receber este grande prémio. Vinte e cinco mil dólares não é um prémio comum, além de ser o maior de Moçambique, é o maior que já recebi em toda uma vida. É um prémio que me honra e me dá mais energias para continuar a escrever”.

E mais: “Eu não contava com o prémio. Estou consciente que há muitos bons escritores que podiam levar o galardão, mas acho que o facto de ser mulher e velhota talvez me tenham ajudado (risos)”.

“Uma sociedade que não lê vai para a banca rota”

Embora satisfeita com o prémio, Momplé confessa que ser escritora em Moçambique é um desafio. “Se para os homens já não é fácil, para nós mulheres ser escritora é ainda um grande desafio. Contudo, é um desafio que vale a pena, pois quando escrevo, liberto-me e partilho os factos sociais que conheço que vivo ou que vivenciei”.

Momplé lamenta o facto de muitos moçambicanos não serem leitores activos, pois “uma sociedade que não lê vai para a bancarrota. Quem não lê não cria dentro de si, não preenche o seu imaginário. Portanto, como não preenchem o seu imaginário não são capazes de ir mais além”.

Como uma boa escritora que é, Lília Momplé é uma leitora activa. Embora nos últimos dias vá menos vezes à livraria se informa e pede ao marido que lhe traga os livros para manter a leitura em dia. Entre os autores de que gosta, depois de Craveirinha se interessa pela escrita do escritor afegão Khaled Hosseini e do poeta chileno Pablo Neruda.

Business society: Fantoques de Aço

Fascinada pelos factos reais, Lília Momplé sonha em escrever um romance. “Sonho em escrever o romance sobre a história de amor da minha avó Maihassa e do meu avô francês, Lui Lui Carrière. Ele se apaixonou perdidamente pela minha avó macua. O meu avô e a minha avó viveram esse amor até o último dia de vida do meu avô. Sempre quis escrever este romance, mas para isso tenho que ir para Ilha de Moçambique e respirar o ar daquele lugar que foi o palco do amor deles”. Todavia, de momento, Momplé está a escrever o livro “Fantoques de Aço”, um retrato social da vida actual no mundo no geral e em Moçambique em particular. Para a escritora: A “A sociedade de negócios colapsou eticamente, falta ética nas atitudes e acções de seus membros”.

Nyau

de Tete para o mundo

A manifestação artístico-cultural Nyau (Gule Wankulo) é originária do norte do Zambeze e é praticada por vários grupos étnicos das regiões transfronteiriças de Moçambique, Malawi e Zâmbia e data do século XVII.

Em Moçambique, Gule Wankulo é praticada em oito distritos da província de Tete nomeadamente Angónia, Tsangano, Chiúta, Marávia, Chifunde, Moatize, Zumbo e Macanga. Sendo este último distrito, o local onde esta dança é mais expressiva e se preserva grande parte das características do formato inicial.

A palavra Nyau designa simultaneamente a dança e o dançarino já com a endumentária própria da dança. Gule Wankulo significa grande dançarino. Portanto, no Nyau Gule Wankulo temos o grande dançarino que representa os antepassados. Reza a lenda que os protagonistas do Nyau nem sempre foram do sexo masculino, mas com a invenção da tradição os homens tomaram a dianteira do palco. “Antigamente as senhoras é que dançavam Nyau, mas com o passar do tempo os homens tomaram o lugar das mulheres e elas agora são acompanhantes”, diz Adriano Campos, natural de Tete e apreciador do Nyau.

O Nyau é mais do que uma dança é um marcador

identitário dos grupos étnicos Chewa, Achipetas e Azimbás. Cujas características principais são a ritualização e o secretismo.

Um secretismo que com a popularização desta arte tende a reduzir, contudo a ritualização mantém-se como o requisito primordial para quem queira ser praticante. Todos os praticantes do Nyau passam pelos ritos de iniciação para aprender a forma de se comportar.

A interpretação ou apresentação desta imponente e mítica manifestação cultural, tradicionalmente ocorre num círculo em céu aberto na areia, onde após o início da dança a poeira toma conta dos presentes. E isso faz parte do espectáculo da representação.

os dançarinos usam fios de sacos, fibra de árvores, cordas, sacos de sisal, capulanas, panos de tecidos diversos, penas de aves, máscaras de animais diversos, desde patos até macacos, que cobrem o rosto, máscaras incorporando personagens político-históricas.

No círculo, personagens ficam no centro e os habilidosos homens que tocam os tambores, as mulheres com as suas harmoniosas vozes entoam cânticos, batem palmas e tocam chocalhos. As vozes são escolhidas a dedo “os dançarinos escolhem as vozes, se for detectada uma voz descoordenada é substituída” clarifica Rogério Erasmo, dançarino de Nyau.

O chocalho é um instrumento de grande importância para a condução do bailarino e no ritmo dos seus movimentos. “O chocalho além de ser um instrumento musical, no acto da dança serve para orientar o dançarino, é como se fosse o guia para que os dançarinos não tropecem. Quando há perigo agita-se o chocalho para alertar o dançarino” esclarece Ferrane.

A indumentária bastante colorida é complexa: os dançarinos usam fios de sacos, fibra de árvores, cordas, sacos de sisal, capulanas, panos de tecidos diversos, penas de aves, máscaras de animais diversos, desde patos até macacos, que cobrem o rosto, máscaras incorporando personagens político-históricas. E recorrem ainda a vários objectos de adorno nos pés tais como missangas, chocalhos. Há dançarinos que actuam de corpo nú pintado com argila usando máscara no rosto e poucas vestes. O tempo de duração de cada dança varia de acordo com a natureza da cerimónia, mas, o Nyau podem aguentar várias horas seguidas a actuar porque dedicam muito tempo de ensaio. “Nós temos resistência, não nos cansamos, é por isso que podemos dançar várias horas seguidas sem esgotar as forças” aclara Phoquela.

Existe uma variação de coreografias na prática de Nyau. Há coreografias em que se usam instrumentos cortantes, tais como facas e catanas como parte da encenação e do espectáculo. “Quando estamos no palco é como se fosse o nosso trabalho por isso não magoamos ninguém” explica Phoquela, bailarino de Nyau.

Ser dançarino Nyau é uma grande honra, e implica uma preparação muito esforçada.

Os movimentos dos dançarinos são agis e electrizantes e se apresentam em cerimónias importantes como, por exemplo, em cerimónias fúnebres, datas festivas, comícios e outro tipo de eventos. Por estas e outras particularidades, o Nyau foi proclamado, no dia 25 de Novembro de 2005, Património Oral e Material da Humanidade. A partir dessa data esta arte deixou de ser apenas do norte do Zambeze, para ser do mundo. Desde a elevação do Nyau a categoria de património mundial, o governo provincial de Tete já realizou quatro festivais de Nyau, o primeiro no distrito de Angónia em 2007; o segundo no distrito de Chiúta em 2010; o terceiro no distrito de Macanga em 2011; o quarto no distrito de Moatize em 2012. O quinto festival será este ano no distrito de Chifunde.

NGOMA MOÇAMBIQUE

A FESTA DA MÚSICA MOÇAMBIQUESA



A música é uma arte que une povos e está presente em vários momentos das nossas vidas. Em Moçambique há um concurso que aclama os artistas dessa bela arte que é a música, o Ngoma Moçambique.

Ngoma Moçambique é a maior e mais antiga parada musical radiofónica do país. Um concurso anual criado com o objectivo de premiar a criatividade e popularidade dos artistas nacionais que vivem dentro e fora do país.

A Hidroeléctrica de Cahora Bassa (HCB) apoia este concurso exactamente porque exalta a moçambicanidade.

No concurso, há espaço para todos ritmos e estilos musicais, e músicos idos do Rovuma ao Maputo convergem num único palco.

A selecção das canções participantes é feita por um júri constituído por um músico e dois produtores musicais que seleccionam as músicas obedecendo a critérios tais como a qualidade da composição, o conteúdo da letra, a melodia e os arranjos.

Ao todo, a organização selecciona 40 músicas que ao longo do concurso tomam posições distintas de acordo com a votação popular via mensagem (sms). As músicas concorrentes que conseguem ocupar o primeiro lugar na primeira fase ganham automaticamente o direito de disputar o prémio da canção mais popular, bem como de actuar na gala de premiação.

A Canção Mais Popular é escolhida pelo voto popular, e as restantes seis categorias nomeadamente: Melhores Canção do Ano, Melhor Voz Masculina e Feminina, Prémio Revelação e Prémio Carreira são eleitas por um júri. Sendo que o Prémio Carreira é atribuído a um músico que possui 15 ou mais anos



de carreira, que tenha contribuído para a educação da sociedade através das suas obras.

A gala de apresentação dos finalistas é sempre um momento de festa e de celebração da moçambicanidade. Telespectadores acompanham ansiosos em casa e o público faz a contagem decrescente num alvoroço, à medida que os concorrentes se apresentam e os apresentadores anunciam os premiados. Os músicos dão cor e energia à festa com as suas interpretações e apresentações contagiando a plateia com muita alegria, traduzida em passos de dança e aplausos.

A próxima Gala Ngoma Moçambique que será no próximo mês de Março de 2014, além das sete categorias já conhecidas, irá incluir mais uma categoria a anunciar.

Este concurso musical que há mais de 25 anos contribui para a promoção e valorização da cultura e da música moçambicana tem o patrocínio da Hidroeléctrica de Cahora Bassa.

Um grande bem-haja ao Ngoma Moçambique e aos músicos moçambicanos. Bem-haja Cahora Bassa.

A música é uma arte que une povos e está presente em vários momentos das nossas vidas. Em Moçambique há um concurso que aclama os artistas dessa bela arte que é a música, o Ngoma Moçambique.





A Rádio Comunitária de Cahora Bassa ajuda a realizar sonhos

Há 5 anos, precisamente no último dia do mês da paz, 31 de Outubro, durante as festividades do primeiro aniversário da reversão da Hidroeléctrica de Cahora Bassa, os habitantes do Songo ganhavam mais expressão com a inauguração da rádio local, a Rádio Comunitária de Cahora Bassa. Um canal radiofónico que emite na frequência 89.90 FM, para um raio de cobertura de 70 km, abrangendo em linha recta todo o distrito de Cahora Bassa e as regiões como: Dáqui no Magoê, Marara em Changara, Chipera na Maravia e Chiuta. Naquele dia, quinze pessoas entre adolescentes, jovens e adultos realizam o grande sonho de serem locutores e apresentadores de rádio ao estrear nas ondas hertzianas.

Nesse grupo estava Pompilio Cardoso Camacho, actual director daquela estação que informa e diverte Cahora Bassa e arredores, através das suas emissões em língua portuguesa e Chi Nyungue. Esta última é a mais falada localmente.

"A rádio me ajudou a concluir a minha casa"

Pompilo, de 44 anos de idade é de Zambézia, Inhassus, a 40 Km de Quelimane. Ele veio ao Songo à procura de novas oportunidades de trabalho. É docente de profissão, lecciona a cadeira de Química-física na Escola Profissional de Songo e é um fascinado pelo jornalismo. O seu fascínio e experiência na área é que lhe garantiram a direcção da equipa que é actualmente composta por 11 colaboradores voluntários ao invés dos 15 iniciais. A direcção desta rádio é uma incumbência que declara ser "gratificante na medida em que vimos o resultado do trabalho realizado. Desde que a rádio abriu tem sido crescente a participação da população na vacinação e há um aumento de doadores de sangue".

Além disso, "ajudamos a encontrar crianças desaparecidas ou perdidas e conseguimos mobilizar a população para aumentar a afluência nos campos de futebol" revela Pompilo.

Este dirigente refere que "uma das prioridades no canal é informar os ouvintes sobre todos os assuntos de interesse público, através dos nossos programas noticiosos e educativos".



... uma das prioridades é informar sobre os assuntos de interesse público...

Pompilio Cardoso Camacho

Na altura da abertura da rádio, Pompilo era o único experiente na arte dos microfones. Uma experiência que ele faz valer na edição dos noticiários e na produção e apresentação dos seus três programas: Economia Comunitária, Parabéns a Você e Manhã Informativa.

Este comunicador cuja voz desperta os ouvintes da Rádio Comunitária de Cahora Bassa, afirma que gosta de informar e de economia: "Gosto de economia e de programas informativos. Quando chego de manhã leio as notícias online e a seguir compartilho com os ouvintes".

Como quem trabalha é recompensado, Pompilo já conseguiu alguns dos seus intentos "fiz muitos amigos através da rádio, entre eles, ouvintes e colegas. E com o salário de professor e ajuda do subsídio da rádio consegui concluir a minha própria casa".

Depois de realizar o sonho de casa própria, Pompilo pretende dar outros voos. "Agora gostaria de ser proprietário de uma estância turística em Manica". Do tempo que nos separa até a concretização desse projecto, Pompilo quer "manter a equipa unida e fazer com que continuem comunicativos e a interagir mais com os ouvintes, quer pelo telefone ou pelos cupões de dedicatórias que disponibilizamos".

"Conto as horas para ir à cabine fazer emissão"

Uma das vozes sonantes da rádio é a de Inês Carlos Juliate. Ela está nesta estação emissora desde a sua abertura. Entrou aos 13 anos de idade e para garantir a sua vaga de colaboradora voluntária da rádio teve de derrubar 19 candidatas.

A paixão de Inês pela comunicação despertou na infância enquanto ela assistia e escutava programas infantis. Contudo, a decisão de se candidatar a locutora aconteceu depois de ouvir diversas vezes dos amigos e dos familiares: "você

pergunta muito, devia ser jornalista ou advogada", revela Inês sorridente.

Inês é uma jovem simpática e conversadora. A sua primeira vez de frente do microfone no estúdio foi torturador "no primeiro dia em que falei no microfone fiquei aflita mas agora faço emissão com muita facilidade".

Cinco anos depois, o gosto da Inês pela rádio e pela comunicação aumentou "hoje até conto as horas para entrar na cabine, principalmente para fazer emissão de continuidade, que é o que mais gosto por que interajo com os ouvintes, confessa. Foi nessas emissões de continuidade que Inês granjeou a

simpatia dos ouvintes. "Por três anos consecutivos, fui considerada a melhor apresentadora, por isso sinto-me feliz e orgulhosa do meu trabalho aqui na rádio". Aos 18 anos, com a 12ª classe feita na secção de letras, Inês sonha em estudar jornalismo no ensino superior para vir a ser jornalista profissional. Mas, enquanto esse dia não chega, Inês continua a trabalhar na rádio de Cahora Bassa como voluntária, fazendo reportagens e apresentando os programas Sorriso da Criança e Tribo Júnior. E alternadamente fazendo emissão de continuidade. Para além disso, aprimora o gosto pela leitura de livros de conteúdos diversos, jornais e informação nos portais. Gosto este incentivado pelo seu pai que é docente de língua portuguesa, na Escola Secundária do Songo.



Selecção de Hóquei em patins

“HCB TEM SIDO UM GRANDE PARCEIRO”

Nicolau Manjate,
Presidente da Federação Moçambicana de Hóquei



A selecção nacional de hóquei em patins não conseguiu melhorar o seu posicionamento na tabela classificativa da 41ª Edição do Mundial de Hóquei realizada recentemente em Angola, caindo da quarta para a sétima posição mas, continuando firme no topo do ranking africano da modalidade. Nicolau Manjate, Presidente da Federação Moçambicana de Hóquei, considera que a prestação da selecção nacional poderá ter sido influenciada por diversos factores que vão desde a preparação da equipa, falta de concentração, alguns azares e a influência da arbitragem em algumas partidas. “Devemos reconhecer que a sétima posição que ocupamos também resulta do facto dos nossos adversários se terem preparado de forma extraordinária a ponto de enfrentarem-nos de peito aberto. Mas, no próximo campeonato mundial eles que nos aguardem. Vamos reverter a situação”, afirma. Apesar do desaire, Manjate entende que as aspirações do colectivo nacional continuam orientadas para a conquista daquele campeonato pois, “ao nível do continente africano somos líderes, a frente de Angola, África do Sul e Egipto que são os únicos países que desenvolvem a modalidade”. Nicolau Manjate não se queixa das condições de trabalho criadas em torno da selecção e destaca o papel da Hidroeléctrica de Cahora Bassa (HCB) que, conforme palavras suas, “tem sido um grande parceiro desde 2007, quando patrocinou a nossa participação no mundial de Espanha, anos depois no campeonato do mundo realizado na Argentina e recentemente em Angola”.



Contando que o “casamento” entre a Federação Moçambicana de Hóquei (FMH) e a HCB pode dar muitos e bons rebentos, Manjate afirma que decorre a preparação do Programa de Desenvolvimento do Hóquei em Patins em Moçambique, através do qual aquela agremiação desportiva pretende fomentar a prática desta modalidade no país. Enquanto esta iniciativa não sai do papel, a FMH conta com a prestação de clubes como o Ferroviário de Maputo, Desportivo, Estrela Vermelha, Académica, Escola de Formação de Patinagem, bem como com os núcleos criados nas cidades de Quelimane e Nampula que brevemente vão tomar parte no campeonato nacional. Por outro lado, e por imposição da Federação Internacional de Hóquei, a FMH deve criar condições para que o país acolha um Campeonato Africano (African Cup) no qual deverão tomar parte oito clubes provenientes dos quatro países mais cotados no ranking daquela federação internacional (FIRS) que são Moçambique, Angola, África do Sul e Egipto.



Fut-21

com “pernas para andar”

A Hidroeléctrica de Cahora Bassa (HCB) é uma das empresas nacionais que não tem mãos a medir quando o assunto é apoiar o movimento desportivo. Presta assistência financeira às selecções nacionais, camadas de formação de futebol, no âmbito do projecto FUT-21, desenvolvimento em parceria com o Ministério da Juventude e Desportos, e ainda gere a sua própria equipa de futebol. No quadro da materialização do FUT-21, a Nkany falou com o director nacional de desportos, Inácio Bernardo, e deixa aqui a visão deste dirigente em relação ao papel da HCB e do futuro desportivo de Moçambique.

Que avaliação faz do apoio que a Hidroeléctrica de Cahora Bassa (HCB) dá ao projecto FUT-21?

A HCB sempre trabalhou com o Ministério da Juventude e Desportos no quadro do FUT-21 e pensamos que é uma colaboração bastante frutífera.

O que o leva a aferir que é frutífera?

Porque recentemente estendeu o âmbito para o apoio às selecções nacionais e, parte dos resultados positivos que o país começa a colher em competições internacionais do futebol, basquete e hóquei em patins resultam disso.

Como se traduz esse apoio?

A HCB apoia através do pagamento dos honorários dos seleccionadores nacionais o que é uma mais-valia porque permite que tenhamos equipas técnicas motivadas.

Mas voltando para o FUT-21...

O nosso entendimento é de que a HCB é um parceiro privilegiado porque graças ao seu patrocínio temos reforçado o movimento desportivo das camadas de formação que até então tinha dificuldades de seguir o seu rumo por falta de material.

Mas porque se direcciona quase toda a atenção para o futebol?

O futebol é a modalidade mais praticada, de fácil acesso e com mais infra-estruturas espalhadas pelo País pelo que julgamos que tem mais necessidade de apoio.

Mas os resultados parecem vir a conta-gotas...

Penso que essa realidade poderá mudar em breve.

Como? O que está a ser feito para alterar este quadro?

Estamos a começar a implementar uma política e estratégia do desporto que é muito clara e que tem como horizonte os ciclos olímpicos de 2016 e 2020 e que prevê investimentos em infra-estruturas desportivas, no incremento da presença do país nos jogos olímpicos, jogos africanos de 2015 e 2019, em

trazer mais medalhas dos jogos de SCASA de 2014 e 2018, entre outros momentos altos do desporto africano e mundial.

Como pensam executar este plano?

Através da atracção de grandes empresas como a HCB que, para nós, é uma marca do país. As empresas nacionais serão agregadas em torno das diferentes selecções para apoiá-las naquilo que for definido como essencial para uma boa prestação e sairão a ganhar porque terão as suas marcas gravadas nos equipamentos de treino e de jogos, nos espaços de conferências de imprensa e entrevistas, entre outras promoções.

O país tem atletas novos para enfrentarem estes grandes desafios?

Tem muitos que vão sendo descobertos através de projectos como o Bebec e do próprio FUT-21. Pensamos que com a intensificação da prática desportiva escolar, muito em breve, será possível colher os frutos de todos os investimentos que a HCB e outras entidades públicas e privadas estão a fazer no desporto nacional.

Songo

Uma vila encantadora

LIZETE MANGUELEZE

Manhã de segunda-feira de início de Setembro. Chego ao aeroporto de Tete e o termómetro indica 38°C. Bom, que a cidade de Tete era quente já sabia, o que não sabia é que neste pequeno aeroporto haveria muitos automóveis corporativos de quase todos os tamanhos e cores. O vai e vem dos veículos quase me deixa estonteada. Mas, aguentei firme e lá estava no meio deles à procura do automóvel branco com o logótipo azul e as cores da nossa bandeira. A procura não demorou. Na bagagem levo comigo muita sede. Sede de conhecer a única vila moçambicana que oferece “água mineral” nas tomeiras, vantagens de só quem vive ao lado da quarta maior barragem de África.

Ao longo da viagem de cerca de 150 km até ao meu destino, Vila de Songo, entre o mítico embondeiro e vendedores à beira de estrada, vi bovinos e caprinos que disputavam a estrada e que quase determinam as regras. Como era de esperar, as buzinas são constantes na primeira hora de viagem. Duas horas depois, subindo a ladeira, vejo a placa azul de metal com escritas brancas que anuncia a chegada a Songo. “Chegamos! Mas este é o percurso mais difícil. Temos que subir devagar, andando na segunda mudança se não o carro recua ou pára. Esta subida é perigosa”, avisa o condutor. Incrível aqui está fresco, 25°C! Chego e rumo directo para o almoço. Depois de vinte minutos, chegava

Por aqui os carros parecem obras da mesma oficina. São brancos e desfilam entre a estrada de alcatrão e a estrada de terra batida.

Quer descobrir Songo? Se sim, o melhor que fazemos é ir buscar as memórias na rainha de Songo. Joana Songo de 62 anos é sucessora do falecido régulo Songo Chiringa.



a deliciosa sopa de ervilhas, o saboroso peixe pen-de (tilápia) grelhado servido com vegetais e sumo natural de laranja para acompanhar o apetecível almoço. Para fechar uma típica sobremesa de Tete: mousse de Malembe, fruto do imbondeiro.

Os quarenta e cinco minutos de degustação aprazível anunciavam o que me esperava em Songo, gente simpática e uma paisagem magnífica. Vou ao hotel deixar as malas.

Por aqui os carros parecem obras da mesma oficina. São brancos e desfilam entre a estrada de alcatrão e a estrada de terra batida. Uma areia presente em todo lado, excepto onde o cimento e a relva tomam conta do espaço, escondendo a terra abaixo. Do alto visualizam-se as deslumbrantes montanhas entre belas árvores de tamanhos variados.

“Antes só tínhamos escuridão”

Quer descobrir Songo? Se sim, o melhor que fazemos é ir buscar as memórias na rainha de Songo. Joana Songo de 62 anos é sucessora do falecido régulo Songo Chiringa. Ela é mãe de Elisa que lhe ajuda na sua machamba.

De sacola no braço contendo tudo que necessito



para a conversa, sigo de carro para conhecer a rainha do Songo. No carro a caminho da casa da rainha do Songo aprecio a vila que se revela calma, limpa e bonita. As ruas são amplas. E numa delas entrevejo uma casa que se destaca entre as demais e questiono ao motorista. Quem vive ali e ele responde: “é a casa da rainha do Songo, chegamos. É a nova casa dela, que a HCB ofereceu no ano passado.”

É na sua casa recém-ofertada pela HCB que a rainha de Songo me recebe, e partilha as suas memórias. Joana Songo veste o traje oficial, propício de uma líder guardiã das tradições e que repercute a boa convivência entre os naturais de Songo e os residentes vindos de vários locais do mundo.

Diz a lenda que quando os portugueses aqui chegaram souberam que “o régulo Songo é que fazia cerimónias debaixo do chinguede (embondeiro em chiyungué) para chamar o pondoro (espírito do leão que dá força). E a partir daí toda a grande obra a erguer-se precedia da cerimónia ao régulo Songo.

“Primeiro o meu pai consultava o mambo e disse como fazer estrada e tudo deu certo”. Depois de “os portugueses construírem a estrada consultaram como fazer a barragem e de novo o pondoro ajudou”, conta Joana, orgulhosa do pai.

É irresistível questionar como era Songo nos tempos em que Joana cresceu e o Songo que a sua filha e as suas três netas vivem. “Antes Songo não era nosso, tudo era muito controlado e nós não tínhamos nada aqui. Estou muito contente, ando à vontade, já não preciso usar BI para entrar aqui na Vila. Agora todos nós sentimos que estamos livres. Acabou aquele tempo de ter de mostrar o BI, e fazer carta para a família vir nos visitar, agora é só vir”.

Em Songo sente-se o orgulho de ser moçambicano. Nesta vila compreende-se porque é que Cahora Bassa é nossa, e porque é que a Hidroeléctrica de Cahora

Bassa é o orgulho de Moçambique. “Gostei da reversão. A HCB está a fazer um bom trabalho. Nunca pensei que iria dormir numa casa dessas de luxo, com água, luz, ar condicionado e uma bonita cozinha.

Todos já temos água e usamos a estrada. Enquanto antes só tínhamos escuridão. Isto era mato, mas agora está bonito. Temos cidade com estradas e praças bonitas”.

Terminada a conversa de cerca de uma hora, dirijo-me ao carro onde busco um livro e ofereço-lhe.

“Como estou feia!”. Assim reagia ao ver a sua foto estampada no livro. É um caso para dizer que a vaidade da rainha não tem idade!

Um roteiro cultural de Songo

A língua que comanda as conversas dos locais é Chinyungwe embora também falem Chinyanja, Chisena e Português.

Na arte é destacado o artesanato depois da dança que já é património da humanidade, o Nhau e também a não menos executada dança, a Kadaba. As cerimónias mais importantes acontecem de baixo do embondeiro, árvore mítica que segundo a lenda guarda os espíritos da vila.

Alicerçados nas tradições locais influenciadas pela abundância de água e de cardumes da albufeira de Cahora Bassa, a maioria dos homens se dedica à pesca e à agricultura. Os restantes trabalham nas empresas e estâncias turísticas ali instaladas. Já as mulheres se dedicam à agricultura e ao pequeno comércio no mercado de Songo.

No mercado de Songo estão espalhadas pequenas barracas e bancas improvisadas com material local, paus, chapas e algumas pedras. Onde



Me fascinei ao ver a belíssima estátua à Mulher, onde se vê uma formosa mulher com criança ao colo e, confesso, comovi-me com tamanha beleza.

... as pequenas árvores verdejantes que abundam nas ruas, a relva de dar inveja ... É por isso que a vila de Songo se torna um lugar agradável de estar e de se viver.



comercializam entre outros produtos a batata-re-no vermelha, peixe fresco, peixe seco (chicoa e kapenta), malambe, maçanica fresca e seca, tomate e laranjas.

“Vendo muito chicoa. Os visitantes compram chicoa para levar para casa. O peixe vende-se mais lá na albufeira”, revela uma vendedora enquanto embala o peixe num saco plástico preto para um cliente. Pela noite dentro deambulei pelos monumentos testemunhos da liberdade que com a ajuda dos candeeiros ali espalhados dão graça à noite da vila de Songo.

Observei de perto o monumento Sandawana que extravazou a dimensão de todos os murais do país ao ocupar uma área de dois hectares e que imortalizou o mítico rato que aparece em cada milénio “sandawana é um rato que aparece de muito em muito tempo para anunciar uma coisa grande”, contava Joana Songo.

Me fascinei ao ver a belíssima estátua à Mulher, onde se vê uma formosa mulher com criança ao colo e, confesso, comovi-me com tamanha beleza. Obras estas edificadas e concebidas pelo filho da terra, Naguib, renomado artista plástico que durante cento e vinte e um dias trabalhou junto com vinte e um artistas e cujas obras estão espalhadas pelo mundo.

É durante a noite que se assiste um dos maiores espectáculos de Songo. A vila que se vê durante o dia, à noite transforma-se numa cidade por cima de montanhas, onde as luzes é que me conduzem a cada povoado.

Pedra sobre pedra até alcançar Deus

Não é segredo que os povos sempre quiseram estar mais próximo de Deus, cada povo usa sua estratégia, uns vão à igreja “a casa de Deus”, outros fazem orações diárias e ainda há quem decide seguir os mandamentos da bíblia sem se deslocar de sua casa. Em Songo a estratégia foi pedra sobre pedra! Noutro tempo, houve na vila de Songo um grupo de homens e mulheres que amontoou pedras para ficar de frente com Deus. Após três tentativas que resultaram em infortúnio, o régulo de Songo interveio, delegando uma mulher virgem para ir falar com Kanguique, o líder do grupo que desejava excessivamente alcançar o Deus recorrendo a um amontoado de pedras. Agora que no Songo ninguém mais quer chegar ao céu para pegar Deus, parte daquelas pedras que outrora foram amontoadas para alcançar o divino hoje ganham espaço na praça que o povo chama de “casa de pedra” ou zimba bué.

A estratégia pedra sobre pedra para abraçar Deus não funcionou, mas valeu pela tentativa. Afinal, como diz o adágio popular, quem não arisca não petisca. Com um pouco mais de sorte, Kanguique e seu grupo poderiam ter sido os primeiros que voltariam para contar como é que é Deus, o que

é que ele faz nos seus tempos livres, se é que tem direito ao ócio!

Um dormitório que virou um paraíso

Além do super abundante e imponente embondeiro, que intimida, mas que também agrada, e obriga a que se arregale os olhos para registar aquela beleza, as pequenas árvores verdejantes que abundam nas ruas, a relva de dar inveja e as casas parecem gémeas falsas que mesclam a paisagem dos transeuntes e dão à vila um ar distinto e agradável. É por isso que a vila de Songo se torna um lugar agradável de estar e de se viver.

As pessoas encantam. As histórias emocionam, o peixe pende, o cabrito estufado, a mousse daquele fruto do embodeiro que leva o nome de malambe e as maçanica que ali degustei agradaram os olhos e saciaram o meu desejo de viajante.

A organização da vila me impressionou, os sorrisos dos locais alegram qualquer um.

A simpatia e humildade das pessoas que ali conheci e convivi levo-as comigo. Aquele pôr-do-sol extraordinário a contrastar com os embondeiros não me saem da cabeça.

Em Songo converge gente de várias tribos, culturas, cores e raças com níveis académicos e profissões



oriunda de diferentes partes do globo. Há sempre gente que chega para trabalhar e não poucas vezes fixa residência.

“Eu sou natural de Manica, estou cá há três anos. Primeiro vinha para aqui ganhar dinheiro, mas quando vi que o Songo é tranquilo e que tinha tudo perto desde escola, hospital, banco até internet pública, mandei vir a minha mulher e meus dois filhos. Construímos aqui e só sairei daqui quando a água do rio Zambeze acabar” contou um operário alegre. Quem diria que inicialmente Songo era apenas um dormitório dos funcionários? Um dormitório que virou um paraíso em Tete, uma vila encantadora. No avião de volta a casa, a última imagem é de embondeiros espalhados pelo aeroporto. Até breve Songo. Até breve Tete.

Em Songo converge gente de várias tribos, culturas, cores e raças com níveis académicos e profissões oriunda de diferentes partes do globo. Há sempre gente que chega para trabalhar e não poucas vezes fixa residência.

FUNAE

A HCB DO MEIO RURAL

C Fundo de Energia (FUNAE) é uma espécie de HCB do meio rural. Busca energia no sol para iluminar vilas, aldeias, escolas e centros de saúde, ensina as comunidades a usarem fogões melhorados para minimizar os efeitos sobre o ambiente, desenvolve pequenas barragens hidroeléctricas e ainda instala bombas de combustível em locais onde o sector privado “torce o nariz” para investir. Criado em Julho de 1997, o FUNAE desenvolve as suas actividades à escala nacional com enfoque no meio rural, com a orientação de contribuir para a melhoria das condições de vida das populações como, aliás, se pode testemunhar nas vilas sedes dos distritos de Muembe, Mavago e Mecula, onde estão a ser montadas pequenas centrais eléctricas que funcionam através de painéis solares (sistemas fotovoltaicos).

Aliás, as vilas de Nacarôa, em Nampula, Mocímboa da Praia e Montepuez, em Cabo Delgado, localidade de Michumua, Niassa, e a Missão de Maimelane, em Inhambane já beneficiam de energia fornecida através de grupos geradores desenvolvidos para redes de Baixa Tensão. Dados colhidos junto de Miquelina Menezes, Presi-

dente do Conselho de Administração do FUNAE, indicam que, no seu conjunto, o projecto de electrificação divide-se em sistemas fotovoltaicos, grupos geradores, construção de barragens mini-hídricas, biomassa e sistemas eólicos que fornecem energia à população rural para os mais variados fins, incluindo a irrigação de campos agrícolas e abastecimento de água.

“A instalação de sistemas solares no país cresceu exponencialmente no período entre 2007 e 2012, levando a um rápido aumento da capacidade instalada que passou de 8.6 quilowatt em 2005 para 1.121,86 quilowatt em 2011, o que resultou da implementação de 389 projectos domésticos e institucionais por todo o país, ou seja, perto de um milhão e seiscentas mil pessoas beneficiam de energia gerada a partir de painéis solares”, disse Miquelina Menezes.

Tendo em conta que Moçambique é um país rico em energia solar, com uma medição de radiação global que atinge os 5,7 quilowatt/hora por metro quadrado, o governo autorizou o estabelecimento de uma fábrica de painéis solares na região de Beluluane, província de Maputo, a qual deverá produzir painéis de 10 a 150 watts.

Ainda no quadro da busca de alternativas para a electrificação rural, decorre um programa de construção de pequenas barragens hidroeléctricas que são centrais de fio de água que, sendo baseadas essencialmente em aproveitamento de pequenas correntes, não produzem impactos significativos sobre o meio ambiente.

“Neste domínio decorrem obras de construção de mini-hídricas em Rotanda, com capacidade para produzir 630 quilowatt e de Churairue que é capaz de produzir 21,3 quilowatt, ambas na província de Manica, está a ser reabilitada a mini-hídrica de Majaua, na Zambézia, com capacidade para produzir 530 quilowatt, e o levantamento do potencial para posterior estudo de pré-viabilidade nas regiões de Mitande, Nkalapa e Lumbiza, na província de Niassa”, aponta.

Postos de Gasolina nas aldeias

O FUNAE entende que o acesso a combustíveis líquidos e gasosos em vilas e sedes distritais constitui factor fundamental para a dinamização do desenvolvimento social e económico local. Graças à introdução do “Incentivo Geográfico”, em 2006, foi

... o FUNAE desenvolve as suas actividades à escala nacional com enfoque no meio rural, com a orientação de contribuir para a melhoria das condições de vida das populações ...

possível lançar o projecto de construção de Postos de Abastecimento de Combustíveis (PACs) nas zonas rurais.

Este projecto, segundo Miquelina Menezes, deverá ser implementado até ao próximo ano e prevê a construção de 50 PACs em locais com dificuldade de abastecimento em combustíveis líquidos localizados fora de quaisquer centros urbanos com categoria de cidade.

“Quatro anos após o lançamento do projecto dos PACs, fazemos uma avaliação positiva, na medida em que o projecto tem garantido a disponibilidade de combustível em zonas distantes de centros urbanos, o que, em consequência, tem assegurado a redução de custos de transporte das vilas para as cidades”, frisou.

Cada PAC ocupa uma área de 900 metros quadrados e possui três tanques de combustível de 10 mil litros cada (para gasolina, gasóleo e petróleo de iluminação) e foram maioritariamente implementados em distritos e postos administrativos das províncias de Niassa, Nampula, Inhambane, Gaza, Sofala, Manica, Zambézia, Nampula e cabo Delgado.

“Somos felizes nas nossas parcerias estratégicas”

Pascoal Bacela, director Nacional de Energia

O país está a registar um aumento de procura de energia eléctrica. Por ano, é necessário colocar no mercado pelo menos 100 MegaWatts, o que indica que, nos próximos cinco anos, será fundamental produzir 20 mil MW. Perante este quadro, o governo entende que é indispensável incrementar e solidificar parcerias na busca de soluções para ampliar as fontes de energia. Em entrevista à Nkhany, Pascoal Bacela, director nacional de Energia, no Ministério da Energia, entende que, até ao momento, as parcerias firmadas são um êxito.

O país está a registar um “boom” de projectos sociais e económicos que demandam pela corrente eléctrica. Como é que o sector se posiciona para responder às necessidades actuais?

O sector responde por via da concepção de novos projectos de geração que por consequência faz aumentar a disponibilidade de energia para satisfazer a procura interna, nomeadamente para o uso doméstico, industrial e todo o tipo de actividade que usa a corrente eléctrica de forma intensiva.

Para além do óbvio investimento financeiro, que outros factores concorrem para a materialização desses projectos?

Temos a felicidade de dispor de grandes reservas energéticas. Penso que essa é a nossa maior vantagem.

Mas, o factor determinante continua a ser o dinheiro...

De facto, o país não dispõe de recursos financeiros suficientes pelo que recorre a parcerias estratégicas. Neste sentido também temos sido felizes porque estamos a firmar parcerias com sucesso.

Que exemplos pode indicar de parcerias bem-sucedidas?

São vários os exemplos que podemos enunciar. Temos uma central a gás em Ressano Garcia, província de Maputo, que produz actualmente 122 MegaWatt (MW) contra os 110 MW com que arrancou no ano passado. Esta central resulta de capitais nacionais e estrangeiros por via dos quais se criou a AGREKKO Moçambique.

Pelo que se observa há outros tantos projectos do género em Ressano...

Sim! Temos o projecto da central térmica de 175 MW que está a ser desenvolvido pela Electricidade de Moçambique (EDM) e pela SASOL. Temos o projecto da empresa GIGAWATT, que vai produzir 350 MW a partir do gás natural no quadro duma parceria entre nacionais e estrangeiros.

O que leva à escolha de Ressano Garcia?

São várias as razões. A primeira é porque temos um ponto de toma de gás e pela proximidade com as infra-estruturas de transporte pois por ali passa a linha de 275 KiloVolt (KV) que liga Komatiport à subestação de Infulene. Em segundo lugar, Ressano é um ponto de entrada de energia da Hidroeléctrica de Cahora Bassa (HCB) – que sai de Tete para a África do Sul – esta localização ajuda a compensar o défice de transporte da província do Limpopo (na África do Sul) para Moçambique.

Disse que eram várias as razões.

Pois! Em terceiro, a partir dali é possível interligar com o mercado da região para permitir que se façam trocas de energia de curta duração. Ou seja, nos períodos de pico baixo a energia excedentária do lado de cá pode ser vendida para os países interligados à nossa rede e vice-versa.

Voltando às parcerias bem-sucedidas.

Temos o exemplo do projecto Kuvhaninga, que está a ser implementado em Gaza, na região de Chókwe. Este poderá gerar 40 MW a partir do gás natural e, por esta via, contribuir para estabilizar, tornar fiável e aumentar a segurança do fornecimento de energia naquela região.

O que temos na região centro do país?

Temos progressos rumo à materialização do projecto de Mpanda Nkwa e das linhas de transporte associadas que vão partir de Tete para Maputo. Por ser um projecto de grande escala há que ter em conta o período de desenvolvimento e de implementação mas, conforme dizia, há progressos em termos de constituição de um novo consórcio que possui a robustez técnico-financeira para conduzir esta iniciativa.

Foi recentemente lançado o projecto de reabilitação das barragens de Chicamba e Mavuzi em Manica. Estas duas barragens também fazem parte do rol das parcerias bem-sucedidas?

Claro que sim! São duas centrais históricas que deram uma grande contribuição ao fornecimento de energia ao país, com particular destaque para a zona Centro, e vão continuar a fazer esse papel. A sua reabilitação é uma medida de grande alcance no quadro do desenvolvimento do sector pois vai permitir um melhor aproveitamento da bacia de Revue onde se pretende avançar com a construção de outras centrais, como a Mavuzi III, gerir melhor os recursos hídricos e reduzir os impactos ambientais resultantes da mineração. Teremos uma gestão integrada daquela bacia.

Fala-se de produção de energia eléctrica a partir do carvão mineral. Que avanços há nesse domínio?

Há várias iniciativas associadas aos projectos minerais de Benga, Moatize, Cherodzi e Ncondedzi porque temos carvão de queima cuja utilização aconselhável é a produção de energia.

Que quantidade de energia poderemos ter a partir daqui?

Numa primeira fase penso que se andarà à volta de 300 a 400 MW devido a limitações de evacuação para os locais de grande consumo mas, com a perspectiva de se construir a linha Tete-Maputo e Chimuarra-Namialo-Nacala, o governo acredita que será possível aumentar a capacidade de geração e fornecimento aos principais centros de consumo do país e até exportar.

Num passado recente, Boroma e Lupata eram projectos que pareciam aptos para avançar. “Adormeceram”?

Não! Estão em fase de estudos e, em devido tempo voltarão a ser notícia.

Que projectos se desenham para a zona norte do país?

Há um plano de se construir uma central em Palma, no Norte de Cabo Delgado, capaz de produzir 75MW e que deverá fazer o aproveitamento do gás natural extraído na bacia do Rovuma. Através desta iniciativa pensamos que será possível satisfazer a crescente demanda que se regista sobretudo em Nacala. Mas, penso que a médio e longo prazo será necessário equacionarmos a construção de centrais hídricas, térmicas e a gás de grande dimensão na zona Norte.

“NA HCB ME SINTO EM CASA!”

Sadira Carima Mahomed

Recursos Humanos, na área das viagens



O que faz na HCB?

Organizo viagens para os trabalhadores, sejam elas para fins laborais, assistência médica, questões académicas e damos assistência aos trabalhadores no domínio médico, acesso a transportes aéreos e terrestres nos destinos, entre outros.

Trabalha na HCB há quanto tempo? Sempre estive na mesma área?

Trabalho na HCB desde 2007 e trabalhei em várias áreas como técnica administrativa, fazia secretário nas direcções, em Novembro do mesmo ano passei para os recursos humanos, para a vaga das viagens.

O que a motivou a escolher a HCB para trabalhar? Escolhi a HCB porque vivi e cresci cá, então a HCB é uma casa para mim por causa dos meus pais. O meu pai e a minha mãe trabalharam na HCB e acabei entrando. Optei pela HCB por ser uma empresa antiga e muito familiar para mim.

Qual é a sua área de formação?

Eu não fiz formação técnica. Tenho nível médio geral e alguns cursos, alguns feitos aqui na empresa e outros fora. Aqui na HCB fiz Ética e Sigilo Profissional, entre outros.

Como profissional, quais são as suas perspectivas? Quero crescer como profissional, evoluir, aprender novas coisas e desenvolver as minhas habilidades.

Organizo viagens para os trabalhadores, e damos assistência aos trabalhadores, entre outros...

Quais são os seus sonhos?

Gostaria de fazer mais formações, mas brevemente irei a outra área ligada a viagens.

Como se sente a trabalhar nesta área?

Procuro fazer o meu trabalho o melhor que posso.

Como é a sua relação com os colegas?

Acredito que seja boa, porque faço de tudo para agradar aos colegas dentro das minhas possibilidades e das condições que o serviço oferece.

Já alguma vez recebeu uma reclamação de um colega que não estivesse satisfeito?

Várias vezes. Quando recebo uma reclamação porque o transporte não o foi buscar, ou algo corre mal com a reserva, procuro resolver a questão o mais rápido possível sem prejudicar a empresa o colaborador.

E como é a sua relação com a direcção da empresa? É boa. Não tenho nenhuma razão de queixa.

Na sua área de trabalho com quantos colegas trabalha?

Aqui no Songo trabalho com uma colega. Em Tete temos mais três colegas e em Maputo mais três.

Sadira socialmente...

É uma mulher solteira, não tenho filhos, nem marido, mas tenho pai e mãe que vivem comigo são aposentados da HCB e é como se fossem meus filhos.

Como tem sido a sua carreira desde que entrou na HCB?

Acredito que seja boa. Eu estou aqui para trabalhar, fazer o meu trabalho e tentar agradar o máximo possível aos trabalhadores dentro daquilo que diz respeito à empresa.

Já ouviu que a HCB está a introduzir o Sistema de Gestão Integrada?

Já ouvi falar mas ainda não me inteirei bem sobre o assunto.

Aqui na HCB fiz Ética e Sigilo Profissional, entre outros.

Quantas viagens organizas por dia, semana ou mês?

É difícil ter em mente, só se visse nos relatórios. Mas talvez umas 40 ou 50 viagens em serviço, 60 participadas, umas 10 ou 15 de assistência médica dependendo dos meses, duas ou três de férias. Início de contrato, ultimamente fazemos muitas, umas sete ou oito, dependendo da época.

O que são viagens em serviço? Participadas? As viagens em serviço são aquelas em que o colaborador viaja em serviço, sai para Maputo, ou para fora de Moçambique.

As participadas são feitas para Maputo, Beira, Quelimane, Lichinga, Nampula, onde a empresa participa em cerca de 70 por cento do bilhete e os restantes 30 por cento quem paga é o colaborador.

O colaborador preenche o formulário e solicita a viagem e se for para sair para qualquer ponto o formulário é enviado para Tete, esperamos o dia em que o colaborador vai viajar e informamos por email sobre o check-in e ele prepara-se. Nós fazemos a requisição para o sector dos transportes. O colaborador chega em Tete e encontra o bilhete e entregam a 5ª essência, fazem o check-in do colaborador e este só pega o bilhete e viaja.

Quando é que um trabalhador pode beneficiar de viagens participadas?

A partir do momento em que assina o contrato e passa a ser colaborador da HCB.

Em caso de ter problema familiar?

Às vezes são problemas familiares, passeios, mas só para dentro do país. A empresa não participa para fora do país.

É só passagem aérea?

Sim.

A questão da assistência médica?

O colaborador vai ao posto de medicina. Dependendo do resultado passam uma guia de transferência e nos enviam a cópia. É feita a marcação de consulta em Maputo, e depois enviam-nos um email, e Tete faz a marcação do bilhete e nós aqui no Songo fazemos a requisição e regularizamos os documentos, o papel de transferência médica, e o colaborador remete um solicitação e enviam para nós para regularizarmos.

HCB em números

nos

415 MW

Energia produzida por cada um dos geradores da Central Sul

107,11 rpm

Velocidade nominal de rotação dos grupos geradores

6.400

Quantidade de torres existentes

21,5 m

Espessura máxima das fundações da barragem

8

Número de descarregadores de fundo

14.000 m³/s

Capacidade máxima de descarga

2.900 km²

Área da albufeira

710


Número de colaboradores da HCB

42 Anos

Idade média dos colaboradores

13 Anos

Antiguidade média dos colaboradores



“Esta maravilhosa obra do génio humano constitui um verdadeiro hino à inteligência, um promotor do progresso, um orgulho para os projectistas, construtores e trabalhadores desta fantástica realização.

Cahora Bassa é a matriz do desenvolvimento de Moçambique independente”

Samora Moisés Machel